



ensaiozine

*notas sobre métodos, afetos e fanzinato
poético-filosófico*



Daniel Figueiredo

Daniel Figueiredo

ensaiozine

*notas sobre métodos, afetos e fanzinato
poético-filosófico*



Marca de Fantasia

Parahyba, 2026

Ensaiozine

notas sobre métodos, afetos e fanzinato
poético-filosófico

Daniel Figueiredo

Série Quiosque, 74. 2026, 88p.
ISBN 978-85-7999-138-7



MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
Parahyba (João Pessoa), PB. Brasil. 58046-033
marcadedefantasia@gmail.com
<https://www.marcadedefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia
e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais,
do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor/designer: Henrique Magalhães
Capa: Daniel Figueiredo

Conselho editorial

Adriano de León (UFPB); Alberto Pessoa (UFPB); Edgar Franco (UFG); Edgard Guimarães (ITA/SP); Gazy Andraus (IFSP-Rio Preto); Heraldo Aparecido Silva (UFPI); José Domingos (UEPB); Marcelo Bolshaw (UFRN); Marcos Nicolau (UFPB); Marina Magalhães (UFCG); Nilton Milanez (UESB); Paulo Ramos (UNIFESP); Roberto Elísio dos Santos (USCS/SP); Waldomiro Vergueiro (USP)

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

F475e

Figueiredo, Daniel

Ensaiozine: notas sobre métodos, afetos e fanzinato poético-filosófico / Daniel Figueiredo. – João Pessoa: Marca de Fantasia, 2026.

Livro em PDF
ISBN 978-85-7999-138-7

1. Histórias em quadrinhos. I. Figueiredo, Daniel. II. Título.

CDD 741.5

Índice para catálogo sistemático

I. Histórias em quadrinhos

De acordo com o artigo 46 da lei 9610 de 19 de fevereiro de 1998, o uso das imagens serve apenas ao estudo, sendo vedada a reprodução integral ou parcial dessa obra com fins comerciais. Os direitos autorais pertencem a seus autores ou detentores.

Nota ao leitor

Este texto nasce de um deslocamento. O que começou como um relatório de pesquisa de pós-doutorado, originalmente intitulado *AfetoZine*: processos criativos de filmezines poéticos-filosóficos, foi aos poucos se descolando da forma institucional que o sustentava. Durante o processo de escrita, revisão e reaproximação com o próprio material da pesquisa, tornou-se evidente que o texto já não operava apenas como registro metodológico ou prestação de contas acadêmica, mas como um campo reflexivo mais livre, atravessado por derivações, anotações e pequenas formulações que se aproximam do gesto ensaístico.

Essa transformação não é apenas formal, mas também afetiva e metodológica. O que antes aparecia organizado em torno do projeto *AfetoZine* - com foco nos processos criativos dos filmezines poéticos-filosóficos - passou a se abrir como um conjunto de notas, aproximações e pequenas hipóteses sobre práticas de fanzinato, escrita e pensamento visual. Nesse movimento, o texto assumiu mais explicitamente seu caráter de ensaio: um espaço de experimentação conceitual e sensível onde métodos, afetos e práticas de criação se entrelaçam sem a necessidade de fechamento conclusivo.

Por essa razão, o texto passa a circular com um novo título: *Ensaiozine* - notas sobre métodos, afetos e fanzinato poético-filosófico. A mudança de nome não apaga o percurso anterior, mas o desloca. Trata-se menos de abandonar o *AfetoZine* e mais de dobrá-lo sobre si mesmo, permitindo que a pesquisa continue

a existir agora sob a forma de ensaio, publicada pela Marca de Fantasia, lugar onde esses experimentos textuais e visuais encontram um modo mais coerente de circulação.

Daniel Figueiredo

Agradecimentos

Esta pesquisa não seria possível sem afeto, começando pelo meu lar, obrigado Kalina. Dito isso, agradeço ao carinho e cuidado do amigo Edgar Franco e sua disponibilidade para criar mundos, sua supervisão é um salvo conduto para minha imaginação criar indiscriminadamente. Agradeço ao Mestre Henrique Magalhães pela amizade e inspiração de uma história de vida que se confunde com a arte de causar. Agradeço à Gazy Andraus pela amizade, pela gentileza de compartilhar seu conhecimento e por seu compromisso com os fanzines, ele é um patrimônio vivo da comunidade fanzineira. Agradeço a Leo Pimentel que com sua voz estoíca provoca uma explosão de um coquetel molotov em nossas cabeças, ciberpunk, ciberbucaneiro, ciberpirata, amigo e companheiro de jornada. Agradeço também aos seres humanos fantásticos que compartilharam suas histórias comigo: José Zinerman Nogueira, Thina Curtis, Ana Basaglia, Duane Ribeiro e Martinique Schultz. Agradeço a Rose Franco e Veralúcia Pimentel pela hospitalidade de seus lares. Por fim, agradeço ao grupo Cria_Ciber por ter se tornado um laboratório de nossas imaginações.

Sumário

Prefácio. Um SerZine Zinando Afetos Ciberpajé	8
Primeiro ato: occursus ou a arte do encontro 1. Esta pesquisa é um zine	12
Segundo ato: o olhar que performa 2. O olhar co-criador como performance: como me tornei um zineasta 2.1. Humanos, pós-humanos, cyberpunks e tatuagens 2.2. Agulhas, ruídos e um tamanduá bandeira 2.3. Aforismos pós-humanos	19
Terceiro ato: o fóssil vivo que teima em existir 3. O homem zine 3.1. A ZineHouse como paratopia 3.2. A arte correio como primeira e última fronteira	38
Quarto ato: afetografia do fanzinato poético-filosófico 4. Fazer de si um zine 4.1. Afetar-se como ato de criação 4.2. O antiproduto final de nossa pesquisazine	49
Concluzine	76
Referências bibliográficas	80

Um SerZine Zinando Afetos

Por Ciberpajé*

O fanzine, percebo, também é uma tecnologia afetiva,
uma forma de comunicação potente
que sobrevive porque não precisa de permissão.

Daniel Figueiredo

Início esse prefácio, como não poderia deixar de ser, exaltando a figura notável e afetuosa de seu autor, o artista multimídia e pesquisador Daniel Figueiredo. A obra de Daniel me veio antes do que o seu ser, conheci os seus instigantes quadrinhos poético-filosóficos através de uma dica do meu talentoso amigo e admirável quadrinhista zineiro pesquisador, Henrique Magalhães, que me indicou as edições digitais de Daniel disponibilizadas no sítio da notória editora Marca de Fantasia, a principal iniciativa digital brasileira a disponibilizar zines e e-books teóricos sobre o singular fenômeno dos zines. Assim como Henrique, Daniel além de quadrinhista e zineiro é docente da Universidade Federal da Paraíba.

Imediatamente, ao ler as primeiras HQs de Daniel, eu extasei-me com a sua intensidade, sensibilidade e densidade. Vi ali todas as características daquilo que eu batizei como quadrinho poético-filosófico no longínquo ano de 1997, mas obviamente saltou-me também aos olhos as especificidades únicas do que ele estava criando. Tanto no resgate e recontextualização da tradição da fotonovela, usando a fotografia como base para alguns de seus

quadrinhos tratando e manipulando as imagens para criar uma visualidade que já é uma de suas marcas autorais, quanto nas HQs criadas com o seu desenho expressivo, fluido e dinâmico. Logo depois de conhecer sua obra participei entusiasticamente de um financiamento coletivo para a edição impressa de dois de seus quadrinhos.

Henrique Magalhães, sagazmente esclareceu a Daniel que o que ele estava criando aproximava-se muito do que chamamos de gênero brasileiro dos quadrinhos poético-filosófico e apresentou a ele os meus quadrinhos, os de Gazy Andraus, entre outros e explicou-lhe que esse gênero singular nasceu no âmbito paratópico experimental dos fanzines em fins da década de 1980. A mente em ebulição de Daniel, inquieta e sobretudo ávida por estabelecer conexões e novas afetos, buscou contato comigo e Gazy Andraus, que à época realizava seu pós-doutorado sob minha supervisão no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da UFG, investigando artezines.

Os primeiros contatos viabilizaram inicialmente uma parceria muito instigante para mim, a realização de uma história em quadrinhos em parceria, na qual Daniel provocou-me a produzir um ensaio visual fotográfico do “Ciberpajé” acordando e se montando com suas roupas, anéis e cartola. A partir desse ensaio, com fotos da I Sacerdotisa Rose Franco, Daniel Figueiredo criou o roteiro e a quadrinhização fantástica que gerou uma inusitada HQ poético-filosófica publicada como fanzine com o nome de “Ciberpajelanças – Um Ensaio Apócrifo”¹. Com a parceria concluída fiz um convite para que Daniel viesse participar como conferencista do “V Festival de Artes Ciberpajelanças”, organiza-

1. O zine “Ciberpajelanças – Um Ensaio Apócrifo” de Daniel Figueiredo e Ciberpajé pode ser baixado na íntegra no link: <https://www.marcadefantasia.com/parceiros/danielfigueiredo/ciberpajelancias/ciberpajelancias.pdf>

do pelo grupo de pesquisa Cria_Ciber (Criação & Ciberarte) que eu coordeno na Faculdade de Artes Visuais da UFG.

Eu e minha esposa fizemos questão de recebermos Daniel em nossa casa, em Goiânia, durante o evento. Foram dias incríveis em que pude conhecer pessoalmente a mente vibrante e inquieta de Daniel, seu grande coração e sua criatividade explosiva, além de sua generosidade como ser humano e grande capacidade de criar conexão com as pessoas quase que imediatamente. O carisma de Daniel conquistou a todos do grupo Cria_Ciber e ele retornou à Paraíba com um novo grupo de amigos e conexões, entre eles Gazy Andraus, Amante da Heresia, Rennan Queiroz e Duane Ribeiro, só para falar dos que foram integrados até o momento em suas pesquisas e parcerias artísticas.

A profunda conexão criada com o Cria_Ciber levou inevitavelmente à vinda de Daniel para a realização de seu estágio pós-doutoral no PPG Arte e Cultura Visual da UFG sob minha supervisão, objetivando utilizar outro de seus talentos e habilidades, o de zineasta, para criar obras audiovisuais que tratassem de seresZines poético-filosóficos, investigando a motivação e o processo criativo de zineiros emblemáticos ligados ao contexto dos quadrinhos poético-filosóficos. No fugaz período de um ano realizando seu pós-doc, Daniel conseguiu a façanha de propor reflexões conceituais instigantes sobre o que chamamos de fanzine ou zine, criando o neologismo “afetozine” para batizar a verve afetuosa e porque não dizer, amorosa, que envolve toda a concepção intrínseca do “zinar”.

Para além das reflexões provocativas e fundamentais sobre “zinação” que sua investigação nos proporcionou e que podem ser experienciadas na leitura desse instigante “ensaiozine” que tenho a alegria de prefaciá-lo, Daniel também criou três experimentos poético-filosóficos, afetozines audiovisuais, que amplificam a noção de zine a partir de sua visão estética e conceitual de

zineasta. Obras sobre as quais esse livro também trata e tangencia, sendo elas os filmezines: *Ensaio Utrópico* (2025), que parte de duas “pERformaNZis” realizadas durante o V Festival de Artes Ciberpajelanças; *Zinerman, o fóssil vivo do underground* (2025), que enfoca a figura emblemática do zineiro brasileiro Zinerman; e o longa-metragem *Afetozine: uma afetografia dos zines poético-filosóficos* (2025), no qual entrevista oito zineiros e zineiras. Não vou intimidar-me em dizer que Daniel produziu três obras fundamentais e pioneiras pela sua abordagem, a tratarem do universo brasileiro dos zines, abarcando desde sua tradição impressa e chegando aos seus desdobramentos transmidiáticos em música e performance. Experimentem esse saboroso ensaio com o mesmo prazer com que ele foi gestado por ele. Foi uma alegria imensurável acompanhar e compartilhar o processo investigativo com esse grande SerZine que gerou suas criações zinando afetos!

*O Ciberpajé é Edgar Franco, mago psiconauta e artista transmídia premiado com o Troféu Angelo Agostini de Mestre do Quadrinho Nacional. Pós-Doutor em Arte, Quadrinhos e Performance pela UNESP, pós-doutor em arte e tecnologia pela UnB, doutor em artes pela USP, mestre em multimeios pela UNICAMP, e arquiteto e urbanista pela UnB. É professor titular da Faculdade de Artes Visuais da UFG onde atua como professor permanente do PPG Arte e Cultura Visual há 18 anos e coordena o Grupo de Pesquisa CRIA_CIBER (CNPQ FAV/UFG).

Primeiro ato

Occursus ou a arte do encontro

O que dá o verdadeiro sentido ao encontro é a busca,
e é preciso andar muito para se alcançar o que está perto.

José Saramago

I. Esta pesquisa é um zine

Há uma prática na comunidade zineira de promover a criação de palavras (*palavraszine?*) ou mesmo ressignificá-las com a utilização de afixos, no caso, o sufixo “zine”. Assim, naquele espaço que não é espaço algum, naquele lugar sem lugar que chamamos de paratopia, existe o zine. Como código de acesso, ou mesmo como próprio lugar de existência de uma comunidade, os zines alimentam o imaginário de um grupo pulsante de pessoas (artistas, acadêmicos, anarquistas, ativistas, incendiários, magos, ciberpajés...) que por meio de suas obras criam mundos, pervertem a ordem, produzem outras existências e brotam zonas autônomas temporárias.

Benedictus de Spinoza (1632-1677), em sua *Ethica, ordine geometrico demonstrata* (1677), usa o conceito de *occursus* para falar de encontro, mas não é um mero encontro, é uma relação entre corpos, afetos e paixões que aumentam ou diminuem nossa potência de agir. Cabe às coisas vivas produzirem encontros, aos seres humanos em especial, criar uma verdadeira arte dos encontros, onde afetos se coagulam e formam mais potência de agir e pensar,

ou melhor, nos deixar mais felizes. Mas não é qualquer encontro, pois se não construirmos uma rede mais forte e densa, capaz de criar mais nós entre nossos afetos e corpos, podemos estar a mercê das paixões tristes, ou seja, nossa potência de agir e pensar será diminuída. O que não é o caso do meu *occursus* zineiro.

Esta pesquisa é um zine. E como todo zine, ela não pede licença, não se enquadra, não se deixa capturar por normas rígidas. Ela acontece como um *occursus*, um encontro inesperado que abre brechas e cria passagens entre mundos. O zine não é apenas suporte, mas modo de pensar: colagem, rasura, atravessamentos, conceitos, imagens e afetos que se tocam e se tensionam. O *occursus*, em Spinoza, é a força do encontro que aumenta ou diminui a potência de agir. Aqui, o zine torna-se a própria forma de encontro metodológico: entre o acadêmico e o poético, entre o rigor e a imaginação, entre o registro e a fabulação.

O ponto fundamental da minha pesquisazine é promover encontros. Dialogar com aqueles e aquelas que produzem suas existências ancoradas na criação zineira de forma poético-filosófica. Assim, as mesmas matrizes da classificação feita por Elydio dos Santos Neto em sua pesquisa de pós-doutorado em artes na UNESP. Santos Neto (2009, p. 90) para os quadrinhos poético-filosóficos, a saber, 1. A intencionalidade poética e filosófica; 2. Histórias curtas que exigem uma leitura diferente da convencional; 3. Inovação na linguagem quadrinhística em relação aos padrões de narrativas tradicionais nas histórias em quadrinhos, foram por mim ressignificadas e atualizadas como traços metodológicos.

Assim, decidi pela criação de um caminho metodológico tortuoso, monstruoso, teratológico (Oliveira, 2017), ou seja, criei meu próprio monstro, onde instrumentos e técnicas de pesquisa são furtados, usados e ou descartados à medida que encontro outra maneira de ser e existir na pesquisa.

A teratologia, nesse contexto, não é apenas o estudo dos monstros, mas a própria arte de criá-los. É o gesto radical de fabricar metodologias disformes, de misturar instrumentos, conceitos e práticas até que surja algo monstruoso e, justamente por isso, revelador. Assim, a monstruosidade não é defeito, é potência: aquilo que escapa às classificações, que perturba a ordem, que nos obriga a repensar as fronteiras entre saberes. A pesquisa-teratológica emerge do mesmo impulso zineiro que rasura, cola, inventa e descarta, sem medo de ser contraditória. Ao contrário das metodologias normativas, que buscam coerência e controle, a teratologia celebra a contradição e o caos criativo como motores do pensamento. Criar monstros é criar mundos, e cada monstro é uma crítica viva às epistemologias ortodoxas.

Nesse sentido, a *pesquisazine* é, por excelência, um organismo teratológico. Ela não nasce pronta nem segue trajetórias previsíveis: aparece e desaparece como um *Kaiju* no oceano do pensamento, provoca deslocamentos, abre crateras, deixa rastros e se dissolve, apenas para renascer em outra forma. A teratologia aqui se manifesta como método e como ética e estética: método porque assume a mutação como princípio de pesquisa; ética porque reconhece que é na anomalia, na fissura, no desvio que o novo pode emergir, estética porque produz uma entidade orgânica e ensaística. O monstro que crio com minha pesquisa não é inimigo do saber, mas sua expansão, uma criatura que carrega em si a potência do inesperado e nos lembra que conhecer é, antes de tudo, fabular.

Para esta *pesquisazine*, a atualização dos parâmetros de Neto (2009) se dá pelos recortes e aprofundamentos de cada matriz interpretativa, assim a) A intencionalidade poética e filosófica nos impele a encontrar aqueles que direcionaram sua produção artística ou de pesquisa sobre zines com intencionalidade poética e filosófica, desembocando, assim, em uma forma de existir

questionadora dos processos, da arte e da vida. Por conseguinte, aponte para a produção de b) Histórias curtas que exigem uma leitura diferente da convencional, seja na pesquisa ou/e na produção de zines, me levou a procurar esses sujeitos que desvelam o olhar sobre a existência humana, criam fantasias e fantasmagorias de si e do mundo. Desde um ciberpajé a uma donafanzine, passando por um fóssil vivo, estes sujeitos são ficções de si mesmos que ganham realidade na medida que existem como atualizações de um mundo mágico, onírico e necessário. Por fim, estes sujeitos fazem c) Inovação na linguagem quadrinhística em relação aos padrões de narrativas tradicionais nas histórias em quadrinhos, ou seja, vivem os zines, produzem uma linguagem visual na apropriação do fantástico, são ativistas do onírico, da imaginação e da vida simples, porém complexa.

Tendo em mente esta apropriação metodológica, recorri ao que chamo de *afetografia*, a territorialização dos afetos pelos agenciamentos rizomáticos do *occursus*. Escrever por meio dos afetos, guiar-se pela indicação afetiva, “Você precisa falar com fulano, ele é massa!”. “Você não pode deixar de conversar com sicrano, ela é muito gente boa”. A razão do encontro não é histórica, social ou acadêmica, mas sim, necessariamente afetiva. Fui porque fui conduzido não pelos textos, mas pelos afetos, assim produzi um mapa de onde surgiam choros e risos, certezas e provocações, artes e mais indicações para onde eu devia ir.

Desta forma, *afetografia* é uma ferramenta metodológica que provoca e surge do encontro, do contato afetivo, do diálogo e da *poiesis* cotidiana. Assim ela não nasce de um planejamento meticuloso, mas do tropeço, do acaso, do atravessamento. Ela é menos um método e mais uma deriva. Não se organiza em hipóteses a serem comprovadas, mas em intensidades que pedem inscrição. Quando procuro afetograficamente, não busco representar o real, mas me deixar afetar por ele, até o ponto em que já

não sei mais onde começa o acontecimento e onde termino eu. É uma escrita-monstro, que se constrói a partir da precariedade do gesto, do registro fragmentário, da bricolagem de palavras e imagens que brotam como colagens de um zine. Se a academia exige clareza e sistematização, a *afetografia* responde com torpeza e rasuras, como quem diz: a vida não cabe em normas técnicas.

Desta maneira, o encontro, o *occursus* spinozano, é a matéria-prima dessa escrita. Mas não se trata de qualquer encontro. Não é simplesmente estar na presença do outro, nem acumular contatos como colecionador de selos. O encontro que me interessa é aquele que abre fendas, que desmonta certezas, que me expõe à vulnerabilidade de não ter respostas. São encontros que produzem potência, que deixam rastros na pele e nos papéis, que exigem fabulação. Quando encontro um zineiro, uma performer, um ciberpajé, não encontro apenas pessoas, encontro mundos inteiros, ficções que se tornaram carne, um devir que me arrasta para fora de mim mesmo. O encontro é sempre excessivo, sempre mais do que cabe na linguagem, por isso esta linguagem precisa se reinventar para acolhê-lo.

A *afetografia* do encontro, então, é cartografia do efêmero. Não fixa territórios, mas mapeia intensidades móveis. Não se vai a campo para observar, mas para ser afetado. Cada deslocamento, cada viagem, cada conversa se inscreve como fragmento de um mapa instável que não indica apenas onde estive, mas o que em mim se transformou. Esse mapa é feito de risos, choros, incômodos, epifanias, e ele só pode ser lido em primeira pessoa, porque é sempre singular.

Por fim, a *afetografia* do encontro é também uma pedagogia. Uma pedagogia que abre caminhos de invenção. Cada encontro é uma aula sem currículo, sem avaliação, sem plano de ensino. É no encontro que a comunicação se torna criação, que a educação se revela prática de liberdade. Não se trata de transmitir

conteúdos, mas de instaurar um espaço paratópico onde afetos circulam e se intensificam, onde cada voz, cada gesto, cada silêncio é possibilidade de fabulação. É nesse território instável que a *pesquisazine* se ancora, na urgência mágica do agora.

Desta *pesquisazine* surgiram três produtos audiovisuais dos quais me debruçarei neste relatório, *filmezines*, filmes-ensaios, documentos do cotidiano que mapeiam frestas poético-filosóficas de processos criativos. Em cada filme-ensaio provo-co-me por meio da tentativa de afetabilidade, de proximidade e distanciamento, mas nunca da ausência completa. A câmera serve de anteparo da imaginação contra a racionalização anti-imagética da lógica acadêmica. Filmo e produzo meu próprio mundo, meu *occursus*.

Primeiramente temos o *Ensaio Utrópico* (2025), Filme-ensaio dividido em três atos, o filme acompanha duas performances artísticas realizadas no V Festival Ciberpajelanças, realizado em Goiânia no final do ano de 2024. As duas performances, sendo a primeira *kr1ptx0c0 & TBN z3r0* – um conto-performance de tattoo-fiction biopunk *cerraca* e a segunda o *Posthuman Tantra* (em versão reduzida) propõem, juntas, um borramento das fronteiras humanas e pós-humanas como elemento situacional de nossas existências, construindo assim, outras existências possíveis a partir da constatação da condição humana. Em consequência, o filme se realiza na disposição do olhar que documenta as performances e ao mesmo tempo produz a si mesmo como outra criação.

Em seguida temos o *Zinerman, o fóssil vivo do underground* (2025), curta-metragem sobre José Zinerman Nogueira: fanzineiro, artista, agitador cultural, apresentador, roqueiro, roteirista, transgressor. Autointitulado o fóssil vivo do underground.

Por fim, o *Afetozine: uma afetografia dos zines poético-filosóficos* (2025) neste longa se dá no fechamento do ciclo da *pesquisazine*. Oito zineiros e zineiras falam sobre seus processos criati-

vos, sobre fazer e viver os fanzines diariamente, desenrolando o novelo de suas existências transpassadas pelos mundos que eles e elas criaram para si mesmos. São quase 6 mil quilômetros de andanças, encontros com seus espaços de criação, conversas traduzidas em gestos, palavras e dedicação ao fanzinato.

Encarar a pesquisa como zine é assumir sua precariedade produtiva como gesto de liberdade. Não se trata de linearidade ou de uma sequência lógica de passos, mas de zonas autônomas temporárias, fragmentos que se encontram e produzem mundos. O zine é sempre inacabado, sempre aberto, sempre sujeito à rasura e ao desvio e é nessa condição que a pesquisa se desenrola. O *occursus* é, portanto, o motor vital desta pesquisazine: ao invés de uma metodologia rígida, o que guia o processo são afetos, deslocamentos, encontros fortuitos, instabilidades que se tornam criação. Assim, a pesquisa não apenas fala sobre zines, mas ela mesma é e se faz zine.

Esta pesquisa é um zine...poético-filosófico.

Segundo ato

O olhar que performa

2. O olhar co-criador como performance: como me tornei um zineasta

Neste recorte se debruça sobre a performance que se realiza na co-criação que emerge de sua atuação performática. O olhar do outro produz uma outra performance, uma *metaperformance* a cada apresentação, a cada rosto, a cada olhar, a cada intencionalidade de comparecimento do outro. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a condição essencial de co-criação pelo olhar do outro a partir do filme *Ensaio Utrópico* (2025). Entender esta relação de co-criação na perspectiva poético-filosófica, apontaria para uma dinâmica do olhar que reverbera na composição de uma educação filosófica das imagens. Desta forma, o devir-educador também se constitui como devir-artista e o cineasta em *zineasta* (Souto, 2021)

2.1. Humanos, pós-humanos, cyberpunks e tatuagens

De forma geral, os zines são publicações independentes, frequentemente de baixo custo e feitas de maneira artesanal, eles cobrem uma ampla gama de temas, que vão desde arte e cultura até questões sociais e políticas. Com uma história cheia de nuances, os zines surgiram como uma alternativa acessível de comunicação descentralizada, beirando sempre limiares discursivos e conspirando contra as estruturas de poder narrativo. Desde sua popularização

na segunda metade do século XX, eles têm desempenhado um papel fundamental na difusão de perspectivas que fomentam um ideário de vanguarda na experimentação dos modos de existências, contestando normas de ordenamento social. Sua relevância histórica está profundamente conectada à resistência, amplificando vozes de comunidades que foram marginalizadas historicamente, promovendo a diversidade e questionando estruturas de poder estabelecidas.

Talvez, uma das principais características dos zines e consequentemente da cultura zineira é a paratopia (Andraus, 2009). Uma certa condição de não pertencimento e pertencimento, que ao mesmo tempo é uma criação de si e do outro, um limiar que se estrutura na ausência e preenchimento de espaços, na constituição de lugares e não-lugares. Desta forma, ao ocupar este espaço liminar entre a marginalidade e a legitimidade, entre o pertencimento a comunidades específicas e o distanciamento das estruturas dominantes, os zines se manifestam no devir. Devir-coisa, devir-arte, devir-vândalo, devir-impresso...

Este devir paratópico que traduz a artesanaria zineira aponta para o campo da efemeridade dos espaços de circulação e para a perenidade da produção dos zines, pois se por um lado temos a incapacidade de domar suas metodologias de feitura, do outro lado temos a inconstância dos lugares de circulação, como brechas sempre abertas que tendem a ser ocupadas pelos processos criativos. A sala de aula, por exemplo, torna-se um espaço de produção e circulação dos zines, onde produção de conhecimento é ao mesmo tempo criação.

Por sua natureza paratópica, os zines pervertem a lógica curricular, ao mesmo tempo que penetra de maneira a produzir outras lógicas curriculares, suas disposições estão alinhadas com a criação e de como podemos, livremente, exercer nossa autonomia. Se pensarmos em uma educação como prática de liberdade, criar mundos possíveis é uma obrigação existencial.

Na tentativa de compreender essas relações, agenciamentos e ou acontecimentos, admitimos a possibilidade de rastrear pistas que nos permitam intuir sobre nosso mundo e suas monstruosidades. Optamos pela teratologia (Oliveira, 2017), pois diante dos rastros, pegadas ou pistas a serem coletadas e analisadas, é importante entender que o monstro sempre escapará, mas esses vestígios confirmam a possibilidade de sua existência. Essa potencialidade do “vir a ser” reconhece a pluralidade e cria uma verossimilhança sistêmica. Portanto, o mais adequado é realizar uma análise detalhada dessas pistas, pensando em uma teratologia, ou seja, um estudo dos monstros.

A ideia de que essa reunião de proposições fortalece o argumento central é que a teratologia da cultura se apresenta como um caminho para refletir sobre a identidade ou os processos de subjetivação na contemporaneidade. Isso ocorre porque as categorias modernas já não conseguem abarcar a mobilidade existencial e conceitual atual, além de se tornarem problemáticas, funcionando como vertigens ou fronteiras. Nesse contexto, nenhuma grande teoria é capaz de explicar completamente a furtividade e a complexidade das subjetividades em nosso tempo.

Etimologicamente, o *monstrum* é aquele que revela, que alerta, carregando em seu corpo as marcas peculiares de um momento específico. O monstro personifica a cultura, encarnando o instante em que ela se manifesta, representando um devir transgressor que emerge das contradições da vida cotidiana (Oliveira, 2017). Ele simboliza a existência do outro, do diferente, e o desvanecimento das fronteiras. Sua presença não pode ser ignorada, pois o monstro, ao existir, alerta que algo está por vir ou já está em curso. Seu aviso ou, mais precisamente, sua própria existência, não deve ser subestimada. Os monstros existem, independentemente de nossa aceitação.

Nossa pesquisa coleta estas pistas no momento da co-criação, o olhar rastreia pontos de intersecção na performance do outro, ao mesmo tempo que cria nosso próprio *monstrum*. O outro, neste processo, nos aponta fissuras em seu discurso, em sua relação conosco e consigo mesmo. Encontrar os vestígios de seu aparecimento, sua passagem selvagem e criativa é um ato para pensar uma educação como uma prática de liberdade por excelência. Zines, filmes, performance, arte são práticas/pistas que envolvem a criação, a disposição do imaginário como realização do vir-a-ser. Esta pesquisa tateia a epiderme epistêmica dos estudos culturais, trazendo consigo as rugas rizomáticas que se proliferam no discurso pós-moderno. Criamos nosso próprio Frankenstein enquanto devoramos o outro.

Dos zines, do devir-impresso, passo ao cinema, as imagens fantasmagóricas que em uma velocidade específica criam a ilusão do movimento, *frame a frame* o zineiro transmuta-se em *zineasta* (Souto, 2021), o educador que promove uma educação filosófica das imagens. Desta forma, as performances artísticas que foram realizadas dentro do V Festival Ciberpajelanças funcionam como apoteose do experimentalismo zinestésico. O festival é uma zona autônoma temporária onde o grande protagonista é a cultura zineira. O zine, como força educacional e comunicacional anárquica, se transmuta em suas mais variadas formas de existir, artezine, quadrinize, filmezine, audiozine, entre outras capacidades existenciais de criar solavancos conceituais.

Como cineasta-pesquisador (ou seria o contrário) tento documentar as facetas, as articulações, os sussurros, o dito e o não dito, procuro nas frestas uma maneira de contar uma história, de desvelar o rito, a passagem, os gestos, os afetos. Então, na última noite do festival, um Pub estranho, mas convidativo, seguro fortemente minha câmera, aponto para sujeitos que se fantasiam e transformam-se em suas narrativas cósmicas, fantásticas, futu-

ristas, distópicas. Sigo suas vozes e aperto o botão de gravação, daí por diante, torno-me *zineasta*.

2.2. Agulhas, ruídos e um tamanduá bandeira

Noite do dia 30 de novembro de 2024, em um Pub em Goiânia, um grupo de *cyberbiopunks* se reúnem para juntos exorcizar a humanidade e suas categorias fundamentais em um conto-performance a ser realizado no palco do local. Nos bastidores temos a preparação, minutos antes do fim. Conversas, alinhamentos que se propõem a expor as feridas de um humanismo eurocêntrico, que em seu desdobramento artístico, produz uma arte inócua, o que *kr1ptx0c0 & TBN z3r0* apontam é uma arte *noise*, um ruído caótico da passagem litúrgica *humano-animal-ciborgue* que emerge da *tatuagem-circuito*. Uma cicatriz que marca o envelhecimento da carne e aponta o local de acoplamento do *animal-ciborgue*.

Os personagens desta performance são: a) *kr1ptx0c0*: tattoo geneticista e biohacker. criador da pigmentação de nanotecnologia ciborguegenética cerraca e dos instrumentos cirúrgicos para mutações. b) *TBN z3r0*: a primeira pessoa a transicionar à pós-humanidade cerraca cujo tamanduá-bandeira-negra é sua redesignação. [TBNs são coletores e extratores de informações em dispositivos obsoletos.] c) *tEckn3 solo*: um do corpo duplo de consciência mais ampla, conhecida como *tEchnÉ kYbErnÉtikE*. é o anfitrião da redesignação ciborguegenética cerraca. é também o regente de outra aurora e d) *oMolUz cYph3r*: inventor das próteses de redesignação ciborguegenética cerraca, por meio de tecnologia reversa e metareciclagem pirata. tem em sua mão um olho que tudo transduz².

2. Todas estas informações estão contidas no texto de apresentação da performance escrito por Léo Pimentel a.k.a Amante da Heresia.

(Imagem 01) tEchnÉ kYbErnÉtikE (acima à esquerda), oMolUz cYph3r (acima à direita), TBN z3ro (abaixo à esquerda) e kriptxoco (abaixo à direita)
- Acervo do autor



Posicionados naquele espaço performático por tEchnÉ kYbErnÉtikE, os *ciberbioartistas* se preparam para o transicionamento. kriptxoco prepara sua ferramenta cheio de tinta com nanorobôs, oMolUz cYph3r prepara seu olho transdutor e TBN z3ro apresenta seu texto de abertura, convocando todos e todas ali presentes para o testemunho:

“o que vocês estão prestes a presenciar
é o vislumbre de outro lugar.
tempos e espaços alternativos daqui mesmo,
deste cerrado de maravilhas a esmo.
não só da visão e do som de outra realidade,

mas também da mente e da sensibilidade.
você estão prestes a testemunhar algo fundacional
onde o limite é a imaginação pós-animal.
são sinais do céu em sua queda épica,
do sertão virando mar e do cerrado em sua face elétrica.
bem vindes a essa estranha encruza biopunk
entre o absurdo cerraca e a imaginação sem estanque.
bem vindes a essa zona proibida cinza.”

TBN z3r0 continua sua fala, agora apresentando kriptxoco, o biohacker responsável por sua transmutação:

lhes apresento, um ser distinto e sagaz,
biohacker de engenho e de visão audaz,
remixa arte, subversão e ciência viva,
ciborgânico cerraca de mão criativa.
em nossas peles, a tatuagem se expande,
com seu nanorobôs não há desmande,
a nanotecnologia punk é seu pincel,
meu crânio, sua tela, sem escarcéu.
códigos vivos em traço e cor,
hackeamento a pós-humanidade com vigor,
a tinta pulsa, reage e respira,
nesta carne que seu traço aspira.
jogo ousado de redesignação,
és mestre nesta rebelde insurreição!

Nesta performance, a música é ruído da dor que a agulha provoca ao penetrar o corpo do artista, criando conexões entre aflições e afetos. A transposição da imagem em música, efetivada por oMolUz cYph3r produz o *noise* cênico que atravessa a criação de um tamanduá *ciber/bio/punk cerraca*. Um borramento de fron-

teiras entre o animal não-humano e o animal humano, ambos têm sua animalidade friccionada com os circuitos (de afetos, de silício, de códigos e carne). Na tela, uma imagem fantasmagórica provoca a irritabilidade do ser que se desfaz, que se decompõe em suas categorias, manifestando-se em uma ritualística de um futuro do passado, quiçá em uma ancestralidade do futuro.

(Imagem 02) kriptxoco hackeando TBN z3r0 - Acervo do autor



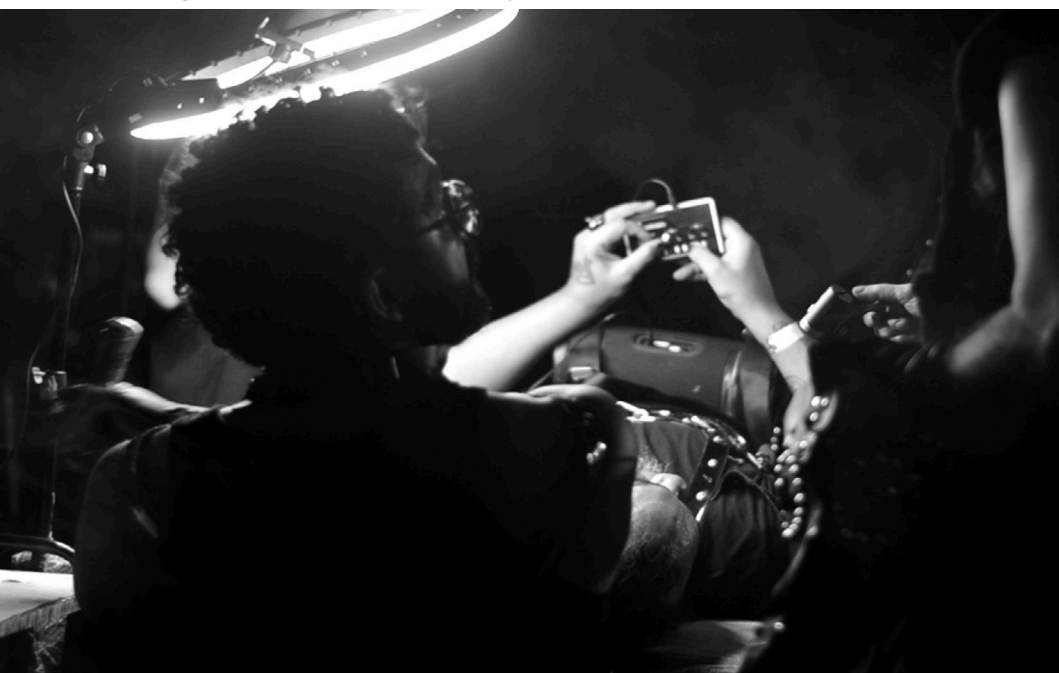
Ao mesmo tempo, o zineasta provoca outra performance, a saber, do olhar. O olhar co-criador, que provoca a ruptura do tempo da performance, suas lentes apontam para outras esquinas, para as extremidades, para outridades, assim temos uma outra performance criada pela documentação das imagens, sejam elas factuais ou oníricas.

O *zineasta* provoca o olhar do outro, cria um espaço de dissolução da performance, cria pelas imagens uma outra performance imaginada que acontece no jogo cênico da subjetividade transposta em um artefato filmico. Nos estudos culturais, os objetos contam histórias, meios e mediações são formas comunicacionais que acontecem no agenciamento. No plano da cultura

visual, o olhar do outro provoca rupturas ao mesmo tempo que promove composições, corpos compostos de outros corpos, este mesmo olhar co-cria a mim mesmo, co-cria minha existência, produz um *tópos koinós* (um lugar comum) entre eu e o mundo.

A dor de TBN z3ro é parte de sua *metautopia cerraca*, termo derivado de *sudaca* (expressão originalmente pejorativa usada para designar pessoas da América do Sul) O neologismo ressignifica a palavra em chave afirmativa, passando a nomear tudo aquilo que é próprio e originário do bioma Cerrado, mas que na performance, ela é reapropriada e transforma-se em uma insurgência de uma redesignação ciborguegenética. E por meio do teremim óptico de oMolUz cYph3r, TBN z3ro interage conectado ao sintetizador, onde sua fisiologia é provocada pela agulha e sua pele é invadida de dor e prazer, temos então a Transdução (inter-semiótica), corpo, tela e ruído sintético.

(Imagem 03) TBN z3ro e sua interação com o sintetizador - Acervo do autor



Meu olhar testemunha, documenta, cria, sigo a performance como que produz outra narrativa fantasmagórica. Agora aquele conto-performance é meu também. Crio um manifesto, um filme etnográfico, otobiográfico (Derrida, 2021), um zine.

Em seu ato final, TBN z3ro enuncia:

vocês sabem, e sabendo continuarão,
até o fim de seus dias, e mais longe, então...
que dentre os absurdos da mente,
que cada ser humano aqui presente, logo mais serás semente.

Então, naquela noite, o céu caiu, o “sertão virou mar & o cerrado se tornou elétrico”. TBN z3ro afirma que isso não é um apocalipse ou mesmo um pós-apocalipse. Na verdade, é a realização de uma metautopia, uma dança anárquica entre utopias piratas & distopias reflexivas ciberpunks. TBN z3ro transiciona e agora é tamanduá-bandeira-negra.

2.3. Aforismos pós-humanos

O segundo momento, temos a pocket performance Posthuman Tantra, aqui vemos Ciberpajé (Edgar Franco) vagar por meio de seus aforismos em um universo ficcional, onde humanos, pós-humanos e outros seres convivem mutuamente em uma espécie de universo intramundano, compartilhado em impressos, filmes, músicas e no ciberespaço. Segundo o ciberpajé os “cinco atos e um epílogo que promovem a conexão entre o imanente e o transcendente, a união aparentemente paradoxal entre uma pajelança e o caldo hipertecnológico da era hiperinformacional, tecnognose e tecnoxamanismo.”

(Imagem 04) Ciberpajé em seu pocket performance
Posthuman Tantra - Acervo do autor



O apelo simbiótico manifestado nas hibridizações, ratifica o caráter cósmico em que a magia do Ciberpajé se desenrola nos fluxos dos processos criativos. A aceitabilidade da condição humana orbita as palavras, seus aforismas remetem a um tempo mágico de um futuro do pretérito que saúda um pretérito mais-que-perfeito. Sua relação com uma ciberfilosofia da existência, um existencialismo hipertecnológico onde continuamos sozinhos em meio aos caos informacional e o distúrbio eletrônico. Sua entrada naquele palco é instigante, sua cartola, suas vestes, sua magia tecnoxamânica convoca todos que estão presentes à efemeridade da vida. Seu primeiro aforisma nos convida à jornada:

Companheiros de jornada,
através do vácuo sobre esta charmosa esfera azul.
Estamos ligados pelo nosso tempo,
nossa ínfima e saborosa existência
podemos compartilhar.
Sob o véu inexorável da vida
esse mistério absoluto que em vão tentamos explicar.
Vamos brincar e amar
muito em breve o Sol se apagará
e seremos simples quimeras no livro eterno das horas.
Sob o véu inexorável da morte

Quimeras no livro eterno das horas, Ciberpajé aponta para nossa existência enquanto pequenez ao mesmo tempo um deleite de ser o possível, de amar enquanto vontade de potência na certeza absoluta da morte, seja ela individual ou coletiva e acachapante como o apagar do sol.

Os aforismos que compõem a apresentação de Ciberpajé são partes de um universo ficcional transhumanista, *tecnexamânico* e tecnognose, povoado de seres ancestrais, figuras antropomórficas, mundos que se colidem em narrativas filosóficas. Um amálgama de formas abissais que se deslocam entre histórias em quadrinhos, fanzines, curta-metragens e músicas. Um fluxo transmidiático que se desdobra em uma entidade mágica, a saber, ele mesmo.

Em seu aforismo “O selvagem”, caldo hipertecnológico da era hiperinformacional paradoxalmente nos leva a contemplar a reconexão entre a natureza e o cosmos com a tecnologia digital ancestral. Como um uivo em regozijo, a pajelança transforma-se em ciberpajelança ao mesmo tempo que os bits transformam-se em magia. Eu acompanho, miro minha câmera para os detalhes, bocas, sintetiza-

dores, coturnos, construo minha própria pajelança, reimaginada e o olhar co-criador, do sujeito que experimenta, conduz linhas de fuga que provocam uma noção mais aguda de profundidade e uma vez agenciadas desembocam na *metaperformance*.

Quero ser leve como uma borboleta
selvagem como um lobo
e brincalhão como um cão!

Sou leve como uma borboleta,
sou selvagem como um lobo
e brincalhão como um cão!

(Imagem 05) Ciberpajé em seu pocket performance
Posthuman Tantra - Acervo do autor



Nossa pesquisa, até aqui, apontou para alguns pontos que valem a pena discutir: a) que a escolha pela teratologia como método revela a tentativa de busca das pistas deixadas nas fissuras conceituais que encontramos no borramento de fronteiras de duas performances; b) que o entendimento da relação de co-criação na perspectiva da cultura visual apontou para uma dinâmica do olhar que reverbera na composição de uma educação filosófica das imagens, por meio co-criação; c) que os zines se constituem como devir paratópico como dispositivo comunicacional e educativo; d) que o devir-pesquisador também se constitui como devir-artista e o cineasta em *zineasta* na composição fílmica na análise de meu processo criativo na feitura do filme *Ensaio Utrópico* (2025).

Primeiramente, no que tange ao primeiro ponto, a saber, que a escolha pela teratologia como método revela a tentativa de busca das pistas deixadas nas fissuras conceituais que encontramos no borramento de fronteiras de duas performances, se efetivou como possibilidade metodológica, principalmente no que tange a performance, ao ato criativo que se esgueira nas dobraduras conceituais, onde *humano-animal-ciborgue* se proporciona como modo de construir parentescos. Humano e animal-não-humano, ciborgue e humano, animal-não-humano e ciborgue, esses modos de existência se aglutinam, de certa maneira, em um *monstrum*, uma perversão da natureza por outra natureza que se constitui no campo do onírico, da fantasmagoria artística de uma poética filosófica.

As duas performances documentadas enfatizam o borramento das fronteiras, os usos e desusos das categorias, a manifestação do limite entre existências e a polissemia dos atos de criação. Coletar, catar, recolher esses fragmentos se deu pelo meu olhar, pela co-criação estabelecida entre o eu que criava outra performance e as performances que aconteciam no palco. Criei então uma *metaperformance*, meu ato de criação monstruoso, teratológico.

No que compete o entendimento da relação de co-criação na perspectiva da cultura visual com uma composição de uma educação filosófica das imagens, podemos inferir, inicialmente o potencial da dinamicidade do olhar por meio da documentação, mas que ao mesmo tempo cria um outro tempo, o tempo da co-criação que emerge da composição das imagens, tanto do cenário produzido contar a história, mas também das fissuras que inviabilizariam a compreensão da narrativa.

Ao criar na caoticidade dinâmica da performance, por meio de um outro olhar, buscando os fragmentos, os elos antagonicos que corroboram uma performance do *close-up*, do detalhe, do fragmento, meu olhar vai sendo seduzido pelas microexpressões da dor/ruído, mas que ao serem colocadas à luz do olhar são deglutinadas como experiências fantásticas e oníricas. Assim é criado um vínculo das imagens com os conceitos, e a filosofia surge como uma atitude de contemplação e ocupação crítica das imagens.

Filosofar torna-se um ato criativo que evoca uma decupagem das imagens do cotidiano. Neste processo, provoca-se a necessidade de uma educação filosófica das imagens, uma leitura ativa por meio do redesenho da ação humana perante a si mesmo e ao mundo, promovendo uma estética como uma ética ou mesmo uma epistemologia do olhar.

A escolha de uma estética de experimentação das imagens desdobra-se em uma ética das ações dentro do espaço performático, um *ethos* que só existe enquanto existir a performance, provocando a criação de uma moral provisória, regras para um discurso do método (talvez?). Longe de uma perspectiva cartesiana, a ideia não é a clareza e a distinção, mas sim a opacidade e a carnavalização dos conceitos, das experiências, da vida. E por meio do olhar que co-cria a performance, o *zineasta* surge como manifestação da percepção, como usurpador do cotidiano, furando do tempo do agora e produzindo outro tempo, um tempo

em deslocamento no espaço da performance do outro. Conduzindo aquele que experimenta essas imagens à uma rota alternativa do olhar.

(Imagem 06) O detalhe para onde o olhar joga luz ressaltando outra performance na performance - Acervo do autor



No que tange ao ponto em que os zines se constituem como devir paratópico como dispositivo comunicacional e educativo. Os zines, assim como a educação, são um território em constante tensão entre pertencimento e não-pertencimento, criação de si e do outro, constituição de lugares e não-lugares. A sala de aula é paratópica: ao mesmo tempo espaço institucionalizado e espaço de invenção, lugar de legitimidade e de fuga, onde saberes oficiais se cruzam com saberes marginais. Assim como nos zines, a educação habita um devir – devir-palavra, devir-imagem, devir-corpo, devir-voz – que se manifesta em brechas. A comunicação, nesse fluxo, não é mera transmissão de conteúdos, mas produção de

mundos possíveis, artesanias de sentidos que circulam em espaços sempre instáveis, efêmeros e criativos. A paratopia do fazer zine, quando apontado para uma ação educativa e comunicacional, perverte a lógica curricular rígida, instaurando lógicas outras, capazes de sustentar a liberdade de criar, de fabular, de se relacionar. Se compreendermos a educação como prática de liberdade, comunicar é criar: mundos, vínculos, resistências, experimentações.

Nesse sentido, tanto a educação quanto a comunicação se revelam práticas insurgentes quando assumem sua condição paratópica: não pertencem inteiramente às estruturas que as moldam, mas tampouco se ausentam delas. Operam no entre-lugar, onde o diálogo é fricção e o ensino se torna encontro. Cada gesto educativo-comunicacional é uma micropolítica, cada zine feito em sala de aula é um dispositivo de ruptura capaz de romper com a linearidade da transmissão para instaurar a circularidade da criação. Ao invés de se reduzir a um código a ser decifrado ou a uma verdade a ser aprendida, o zine como dispositivo educativo e comunicacional se abre como um campo de coautoria, em que estudantes, educadores e mundos se produzem mutuamente. É nessa fronteira móvel que se torna possível fabular uma educação-comunicação-zineira que não apenas informa, mas forma, transforma e inventa.

Por fim, no que compete ao devir-pesquisador que também se constitui como devir-artista e o cineasta em *zineasta* na composição fílmica, podemos apontar como esse sujeito emerge como uma figura que não se limita a observar, mas que se engaja no gesto mesmo da criação. É nesse *entre-lugar/não-lugar/fissura* que a câmera deixa de ser instrumento técnico para se tornar extensão do corpo, uma prótese sensível que pulsa junto ao olhar. Cada registro é mais do que documentação: é fabulação, invenção de um mundo que só existe porque foi atravessado pela lente. Assim, o pesquisador se desloca da posição de quem interpreta para assumir o risco de quem fabrica realidades, operando nas

fissuras do visível e do invisível, naquilo que se mostra e naquilo que insiste em se ocultar. O cineasta que filma também é o *zineasta* que desoculta, que desvela territórios paratópicos.

Nesse fluxo, a educação e a comunicação também se contaminam dessa potência zineira: não apenas transmitem ou descrevem, mas fabulam, rasuram, dobram-se sobre si mesmas para criar zonas autônomas de sentido. O *zineasta* é, portanto, um educador que ensina sem pretensão pedagógica, que comunica sem se preocupar com a linearidade da mensagem. Sua prática é insurgência: desafia o currículo, atravessa o discurso acadêmico e cria um método que é, ao mesmo tempo, pesquisa e vida, ciência e poesia, arquivo e performance. O devir-pesquisador-artista se dá como um *monstrum* que habita a paratopia, anunciando que toda investigação pode ser também criação e que todo encontro pode ser, sobretudo, uma arte do encontro.

O devir-pesquisador em sua travessia para devir-artista e devir-*zineasta* encontra no *occursus* a chave para uma pedagogia do encontro, dos atravessamentos maquínicos e da digestão após a deglutição antropofágica. Na comunicação que se faz nesse processo, não há emissor nem receptor, mas um emaranhado de corpos, afetos e imagens que se co-produzem na temporalidade efêmera da criação. A educação, nesse gesto, se revela prática de liberdade e de fabulação, não como fuga da realidade, mas como invenção insistente de realidades outras, possíveis, necessárias.

Assim, ser cineasta-*zineasta* é também ser pedagogo que promove uma educação filosófica das imagens, não no sentido institucional, mas no sentido ético-estético de provocar olhares, de tensionar narrativas, de convidar à imaginação, de criar um código linguístico não por uma clareza da mensagem, mas pela intensidade dos afetos que suscita, pelos deslocamentos que instaura, pelas metamorfoses que promove. É nesse território paratópico que o *monstrum* da pesquisa se ergue: híbrido, inquieto, insur-

gente. Ele não pede autorização para existir, apenas acontece, revelando que pesquisar é também viver, que comunicar é também criar, que educar é também fabular. O devir-zineasta é, portanto, a própria afirmação de que o conhecimento não se encerra em teorias, mas se abre em encontros.

(Imagem 07) O detalhe da performance de Ciberpajé - Acervo do autor



(Imagem 08) tEchnÉ kYbErnÉtikE no primeiro Ato - Acervo do autor

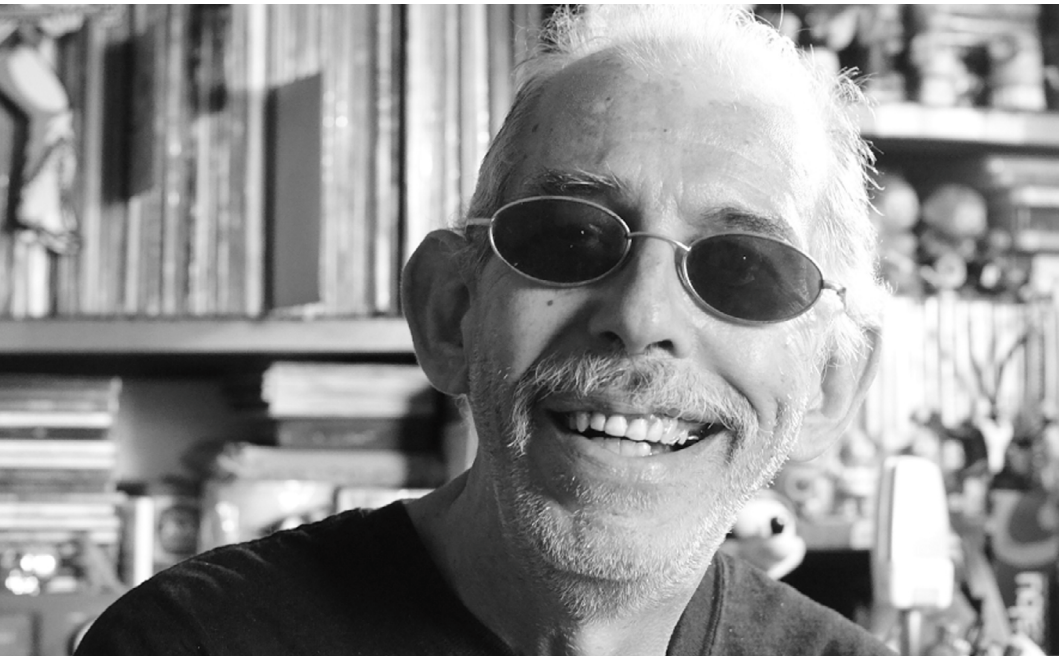
Terceiro ato

O fóssil vivo que teima em existir

I. O homem zine

Na primavera de 2024, saio de João Pessoa rumo à São Paulo. Já em terras paulistanas pego o metrô no centro rumo à região metropolitana, mas especificamente, a cidade de Ferraz de Vasconcelos. Troco de linha, de trem e como qualquer desavisado que visita esta megalópole, passo do meu ponto de desembarque. Corrigida a rota, volto à estação em que deveria parar. Semanas antes eu já tinha falado com José Zinerman Nogueira, marcado

(Imagem 09) José Zinerman Nogueira - Acervo do autor



data e local para nossa conversa. Não o conhecia pessoalmente, o acompanhava nas redes sociais, ele é bem ativo, sempre provocativo e espirituoso, um homem maduro com anos de anarquia e rock n' roll. Era início da tarde, e desembarquei na estação que me foi recomendada, naquele emaranhado de pessoas, indo e voltando, ligo para Zinerman, ele atende e diz que está à minha espera na saída da estação. Ando na direção da saída e vejo um homem sorridente, óculos escuros e roupa social, sorriu e ele estende a mão. Era o homem zine.

José Zinerman Nogueira, figura central e pioneira da produção cultural independente brasileira. Autodenominado “o fóssil vivo do underground”, Zinerman encarna uma trajetória que se confunde com a própria história dos fanzines e da mídia alternativa no país, marcada por inquietude criativa e pela busca incessante de novas plataformas de expressão. Sua gênese remonta à década de 1970, quando, ainda no ginásio e com pouco mais de 14 anos, começou a produzir seus primeiros “jornalzinhos”, como o *Little Pig News* e *O Pirata*, o *Microjornal do Rock* na década de 80. Sem conhecer sequer o termo *fanzine*, ele já fabricava mundos possíveis a partir do recorte de revistas como *Rock História* e *a Glória: Emerson, Lake e Palmer*, O gesto inaugural, precário, artesanal, mas profundamente potente, ecoa até hoje como prova de que a criação autônoma sempre encontrou brechas para florescer.

Zinerman se tornou, desde então, uma espécie de *monstrum* vivo: não relíquia, mas alerta, fissura encarnada, prova de que a criação independente resiste ao tempo e às normas. Sua natureza “meio inquieta”, que o impulsiona a estar sempre “na frente, produzindo e inventando”, o conduziu a experimentações que extrapolaram o papel. Na década de 80 e 90, quando o suporte impresso se mostrou insuficiente, ele inaugurou o *Delírio Audiozine*, (nome que foi retirado da obra *Fabulário do Delírio Coti-*

diano, de Charles Bukowski) duplicando fitas demo, inserindo sua voz e antecipando aquilo que hoje chamamos de *podcast*. Foram 23 edições que circulavam como ruído subversivo, acompanhadas de um volume impressionante de trocas materiais: fanzines, adesivos, livros, camisetas, *demotapes*. O correio não era apenas meio, mas território, espaço paratópico onde a comunidade underground se reconhecia e proliferava.

(Imagem 10) *Demotape* do Delírio Audiozine - Acervo do autor



A história de José Zinerman Nogueira se confunde com suas produções, a arte pulsa em todos os espaços de sua residência, desde seu pé de acerola no terraço até seu cachorro, o Black Dog, que carinhosamente ganhou uma série de zines em sua homenagem, chamada de “Black dog zine” que tem como tema, os cachorros famosos na história, além de ser uma homenagem ao melhor amigo do homem. Zinerman fala organicamente para a câmera sobre suas relações com a arte marginal e como ele adentrou em todos os espaços do fanzinato. Tornando-se para alguns em um dos grandes nomes da poética zineira.

Nesse devir-paratópico encontrou sua apoteose no *Arquivo Geral Videozine*, o primeiro fanzine em formato VHS do underground brasileiro, criado no início dos anos 2000 em parceria com a Dois Josés Produções. Nessa época ele era não o Zinerman mas o Anarconog, se antes uma imagem de fanzineiro podia demorar meses para chegar por fotografia revelada, agora a câmera capturava e devolvia em tempo quase imediato. Filmando eventos, entrevistas e lançamentos de *demotapes*, o *Videozine* se consolidou como um dispositivo de co-criação, onde o documentador se transmutava em *zineasta*. O olhar de Zinerman, longe de apenas registrar, produzia um mundo: um *occursus* spinoziano, o impacto desse trabalho foi tão significativo no início dos anos 2000 que seu material era utilizado para fins de pesquisa e ensino por acadêmicos como Henrique Magalhães na Paraíba, transformando cada fita em um fragmento de uma educação filosófica das imagens.

3.1. A ZineHouse como paratopia

José Zinerman Nogueira chama seu lar de *ZineHouse*, espaço que ele define como “Registro Vivo das publicações independentes”, funciona como testemunho e abrigo dessa trajetória. Mais que acervo, é zona autônoma temporária, espaço liminar entre arquivo e invenção, onde a história do underground se reinscreve em cada fita migrada do VHS ao DVD, em cada envelope de Arte Correio, em cada nota rabiscada às pressas em seu caderno. Zinerman confirma, assim, que o fanzine não é apenas objeto cultural, mas modo de existência: um devir que insiste em criar e resistir. A *ZineHouse* pode ser compreendida como uma paratopia, um espaço em que as fronteiras entre o institucional e o marginal se embaralham e se desestabilizam. Longe de se fixar numa territorialidade clara, ela se sustenta justamente em sua condição

de deslocamento: não é plenamente absorvida pelo circuito acadêmico, tampouco pertence de forma dócil ao mercado cultural. Nesse *entrelugar*, afirma-se como campo de experimentação que resiste tanto à lógica da mercadoria quanto à rigidez disciplinar, articulando uma prática de criação e circulação que se move pelas brechas.

Nessa perspectiva, a *ZineHouse* não é apenas um local físico ou um projeto cultural, mas uma zona de fricção e ficção. Seu funcionamento se dá na constante negociação entre o pertencimento e o não-pertencimento, produzindo uma comunidade que se reconhece no gesto de fazer e compartilhar, ainda que não haja garantias de reconhecimento externo. Essa instabilidade não é uma falha, mas a condição mesma de sua existência: a paratopia como um modo de habitar o precário, um modo de sustentar o desconfortável para que dele surjam formas outras de sociabilidade e expressão.

(Imagem 11) Acervo da *ZineHouse* - Acervo do autor





(Imagem 12) Acervo da *ZineHouse* - Acervo do autor

Assim, pensar a *ZineHouse* como paratopia é reconhecer que sua potência não está em consolidar um território fixo, mas em manter aberto o movimento de atravessamento de fronteiras. Seu acervo é um espaço que se mantém vivo, produzindo afetos, imaginários e materialidades que desafiam tanto a homogeneização cultural quanto a hierarquia dos discursos *mainstream*. A *ZineHouse* é, portanto, uma prática de criação de memórias que se funda na instabilidade e no inacabamento, na eterna coleta das memórias urbanas, dos guetos e vielas da periferia, fazendo da paratopia não um limite, mas um recurso de invenção.

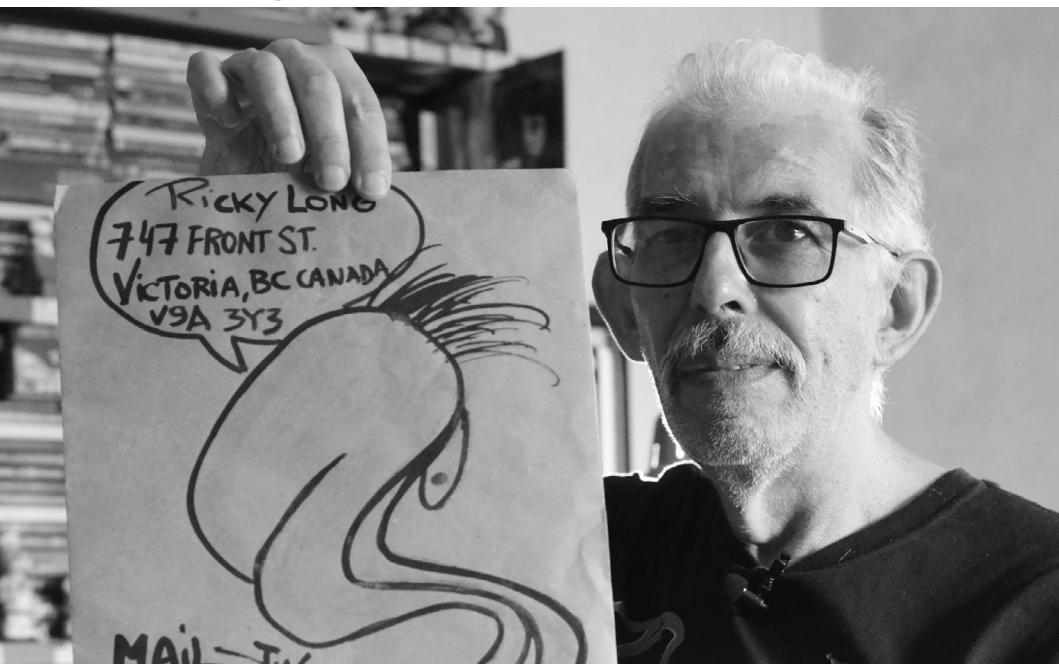
A *ZineHouse* também se afirma como um lugar de conhecimento, onde o gesto fanzineiro ganha densidade histórica e afetiva. Ao reunir publicações, relatos, imagens e objetos ligados à trajetória do fanzinato, ela se transforma em arquivo vivo, nunca concluído, sempre em expansão. Essa memória, no entanto, não é apenas documental: é encarnada no próprio percurso do Zinerman, cuja história pessoal se entrelaça com a história do fanzinato brasileiro. Assim, o espaço não apenas conserva, mas

reinscreve narrativas que atravessam décadas, trazendo à tona tanto a dimensão coletiva quanto a experiência singular de quem viveu e produziu esse circuito.

Ao mesmo tempo, a *ZineHouse* é um espaço pulsante de criatividade e produção cotidiana. Quase todos os dias novos zines nascem de suas mesas, impressoras e conversas, como se o próprio ambiente convocasse à criação. Trata-se de um lugar onde memória e invenção se mesclam, onde o afeto se traduz em papel, tinta e colagem, e onde a partilha se realiza na circulação dos zines. Esse ritmo intenso, marcado pela espontaneidade e pela generosidade, faz da *ZineHouse* não apenas um acervo, mas uma oficina permanente, um território em que se experimenta o prazer de criar junto e de manter viva uma tradição que, longe de se encerrar no passado, se reinventa no presente.

3.2. A arte correio como primeira e última fronteira

O caráter transmidiático de sua produção confirma a vitalidade monstruosa do zine enquanto forma. Do papel ao áudio, do áudio ao vídeo, do vídeo à Arte Postal - que ele passou a praticar em 2004, trocando envelopes impressos e trabalhos com artistas internacionais -, Zinerman manifesta a plasticidade radical de um gesto que não se deixa capturar. Cada suporte escolhido não é mera adaptação tecnológica, mas um devir, uma mutação que garante a sobrevivência de sua prática. Esse fluxo ininterrupto faz de sua trajetória um organismo teratológico, sempre em metamorfose, sempre tensionando fronteiras. A arte correio, em Zinerman, aparece como a primeira fronteira porque inaugura sua relação com a criação coletiva e descentralizada, trocando cartas com outros artistas em outras línguas, provocando outros códigos de linguagem.



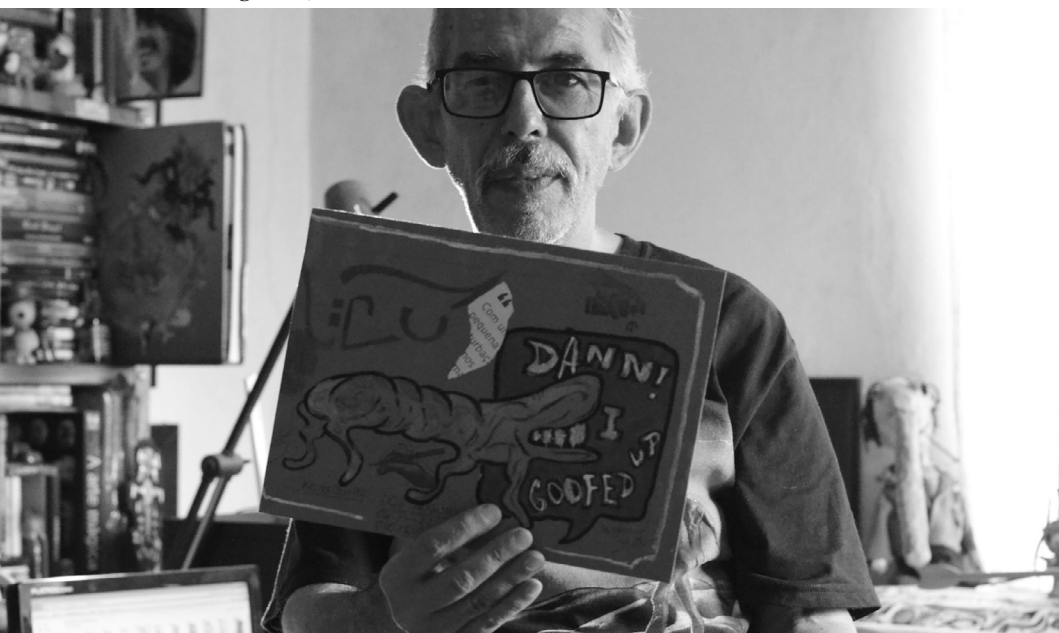
O correio foi e continua sendo sua rede, seu território expandido de trocas. Cartas, envelopes ilustrados, selos inventados e colagens viajavam de cidade em cidade, de país em país, compondo um fluxo de comunicação que não dependia de instituições legitimadoras. Esse gesto inaugural marca não apenas o começo de sua trajetória artística, mas também a descoberta de um modo de estar no mundo pela circulação de afetos, imagens e palavras em trânsito, se deslocando em vários outros espaços de criação.

Ao mesmo tempo, a arte postal é também sua última fronteira: um retorno e uma permanência que sinalizam a fidelidade a esse gesto artístico. Mesmo em um tempo dominado pelo digital, Zinerman continua a lançar mão do correio como espaço de resistência e encantamento, preservando a lentidão, a materialidade e o risco do extravio como parte da poética. Assim, a primeira

fronteira não se apaga, mas se perpetua como última, revelando que o início e o fim não são pontos distintos, mas um mesmo círculo de criação. Na arte correio, Zinerman pratica que nunca deixa de atravessar barreiras, mas que sempre retorna à simplicidade de enviar e receber algo feito à mão.

Sua metodologia, curiosamente, equilibra disciplina e caos, ao mesmo tempo é essa ode à lentidão. Enquanto esta pesquisazine se orienta pela *afetografia*, ser guiado por encontros, afetos e indicações espontâneas (“fale com fulano, ele é massa!”), Zinerman revela um processo analógico: mantém um caderno de anotações constantemente ao alcance, registrando ideias com data e hora, como o apontamento de 2 de dezembro de 2024, às 7:43. “*Tudo que é anotado é lembrado*”, repete. De um lado, o método-zineiro é rasura, bricolagem, colagem afetiva, o desenho monstruoso; de outro, é rigoroso inventário da memória. Ambos se tocam no reconhecimento da urgência do registro, no gesto de preservar o fragmento contra o esquecimento.

(Imagem 14) Zinerman com uma obra artística - Acervo do autor



O fato de Zinerman viver na periferia está diretamente ligado à sua criatividade, não como limite, mas como condição que potencializa sua invenção marginal. O cotidiano periférico, marcado pela falta de recursos e pelo improvisado, alimenta nele uma prática de constante reinvenção: transformar pouco em muito, ressignificar materiais, criar espaços de circulação mesmo onde aparentemente não há. A periferia, nesse sentido, não é apenas o lugar onde ele mora, mas também a fonte de uma imaginação que se nutre das brechas, tudo para Zinerman é um ativo para produção artística; papéis reaproveitados, colagens manuais, impressoras caseiras, mimeógrafos, gravuras improvisadas. Longe de ser obstáculo, a limitação de meios se converte em motor criativo: cada suporte inventado, cada material reutilizado, cada solução improvisada amplia o repertório estético dos zines. O gesto de produzir incessantemente, em condições adversas, afirma sua prática como um ato de insistência e resistência, em que a criatividade não é um privilégio, mas um modo de existir e de criar mundos a partir do que se tem.

No Terceiro Ato desta pesquisazine, sua figura se materializa como ocorre em todo *monstrum*: não para ser domesticado, mas para revelar. Seu corpo de obra carrega as marcas de um tempo em que a cultura independente se fez transgressora e teimosa, criando mundos possíveis contra as lógicas dominantes. O “fóssil vivo” não é passado, mas insistência do presente, uma afirmação viva de que eu como devir-pesquisador, ao se constituir também como devir-artista e devir-zineasta, me aproximo com um misto de admiração e entusiasmo de como os fanzines são ferramentas poderosas de crítica social e de liberdade artística. O vídeo não captura apenas a vida de um homem, mas cristaliza o zine como essa prática anárquica do agora: uma arte que fabrica, no subterrâneo das grandes cidades com suas galerias e espaços de exclusão de outras manifestações artísticas, a possibilidade de mundos outros.

Essa mesma perspectiva atravessa os filmes-ensaios que compõem a pesquisazine. O *Ensaio Utrópico* (2025), dividido em três atos, documenta performances que borram as fronteiras entre humanos e pós-humanos, instaurando zonas de experimentação existencial. O curta *Zinerman – o fóssil vivo do underground* (2025) prolonga esse gesto, ao transformar o próprio fanzineiro em fabulação viva, personagem-*monstrum* que revela fissuras e resistências da cultura independente. Zinerman, nesse mosaico, não é apenas personagem isolado, mas vértice de uma rede maior: sua história reverbera nos corpos e vozes dos outros zineiros que fabulam suas existências por meio de uma infinidade de maneiras de existir. Os filmes se tornam zines em movimento, fragmentos audiovisuais que não apenas documentam, mas criam, performam e abrem espaço para novas lógicas de existência.

Portanto, esta pesquisazine, ao atravessar essas imagens, reafirma o que sempre esteve em jogo: a potência da comunicação independente como uma filosofia anárquica do cotidiano. Cada suporte, cada performance, cada gesto de escrita ou filmagem é parte de uma mesma paisagem teratológica e paratópica, onde o conhecimento não é transmissão linear, mas criação coletiva. O zine, o filme, a arte correio, o áudio, o caderno de anotações, todos são rastros e monstros que nos aproximam como fanzineiros e fanzineiras.

Quarto ato

Afetografia do fanzinato poético-filosófico

Por isso, digo que tudo o que faço
como artista é zine.

Ciberpajé

4. Fazer de si um zine

Fazer de si um zine é aceitar a própria vida como superfície de colagem. É permitir que o corpo se torne página, que as experiências se tornem recortes e que o pensamento assuma a forma do improvisado. Ao transformar a si mesmo em zine, o sujeito abandona a pretensão de coerência e se entrega à montagem de fragmentos, memórias, imagens, frases soltas, afetos que insistem em permanecer. Não se trata de representar a vida, mas de editá-la, escolher o que rasurar, o que destacar, o que deixar em branco. O eu-zine não busca unidade, mas vibração; é um organismo em constante reedição, uma bricolage, sempre aberto à interferência de outros olhares e outras mãos sem direitos autorais.

Ao longo desta pesquisazine, entendi que ser um zine é viver no intervalo entre o íntimo e o público, onde a exposição se confunde com o gesto de partilhar. A escrita, nesse contexto, deixa de ser confissão e se torna comunhão: uma forma de se fazer visível sem precisar se explicar. Cada dobra do papel é uma dobra da subjetividade, cada colagem é uma tentativa de costurar o tempo. O sujeito que se faz zine descobre que a vulnerabilidade é

também potência criativa, o rasgo é espaço de respiração, o erro é estilo. O fazer de si zine é, portanto, um exercício de liberdade estética e existencial, uma maneira de se reinventar fora dos moldes da autobiografia convencional.

(Imagem 15) Martinique com uma obra artística - Acervo do autor



O sujeito cria para si um território de passagem entre arte e vida, onde o processo é mais importante que o resultado. O eu torna-se um experimento gráfico e filosófico, uma obra em circulação. O gesto artesanal, ganha valor simbólico: não como romantização da imperfeição, mas como afirmação do inacabado como modo de existir, uma declaração que o conhecimento pode ser sensível, que o pensamento pode ser tátil, que a subjetividade é também um espaço de invenção coletiva. No fim, não é apenas o zine que se publica é o próprio corpo que se imprime no mundo. Um afeto-corpo, um *corpozine*.

4.1. Afetar-se como ato de criação

A afetografia do fanzinato poético-filosófico nasce do gesto de caminhar e filmar, de deixar-se levar pelos afetos até que o encontro se converta em imagem. Fazer um *filmezine* é aceitar que cada plano é também uma conversa, um fragmento de mundo colhido entre risos, silêncios e papéis impressos. A câmera, nesse processo, não observa à distância, mas vibra junto, ela respira o mesmo ar da sala, a câmera treme junto, sente o cheiro da tinta, acompanha o fio da tesoura que corta o papel. Cada registro é um ato de confiança, um pacto silencioso entre quem mostra e quem olha. Filmar os zines é, portanto, fabular com o outro, um gesto de coautoria em que o real se desdobra em poesia.

Encontrar quem faz zines é aproximar-se de mundos inteiros encapsulados em folhas dobradas. Cada visita, cada conversa, é um mergulho em um universo criativo que não se explica por teorias, mas por gestos: o modo como alguém cola uma imagem, o jeito como dobra uma capa, uma página, o cuidado com uma letra à mão. Esses momentos de presença (Ciberpajé chama de ritual de presença) revelam a dimensão ética e afetiva da pesquisa. Não se trata de colher dados, mas de escutar com o corpo inteiro, de deixar que o encontro diga o que precisa ser dito. A *afetografia*, nesse sentido, é uma escuta radical, ela não interpreta o outro, mas se deixa transformar por ele.

Um *filmezine* é um gatilho do agora, do presente que se manifesta na composição de encontros. A produção dos *filmezones* se transforma assim em uma extensão dos próprios zines: uma colagem em movimento, feita de falas, frames, luz, sombra, gestos e olhares. A montagem, em vez de ordenar o caos, mantém o ritmo das vozes, as pausas, os tropeços, as risadas que se entrelaçam. É um cinema que se recusa à limpeza e à linearidade, preferindo a

textura da vida comum. O *filmezine* não ilustra uma ideia, ele a fabrica no ato da edição, como se cada corte fosse também uma dobra no pensamento. Cada trecho, cada pedaço, cada diálogo é uma construção editada para contar uma história, um manifesto. O resultado é um zine expandido no tempo, onde a imagem pulsa como página, e o som ecoa como palavra recortada.

(Imagem 16) Encontro com Zinerman - Acervo do autor



Conversar com zineiros e zineiras é um aprendizado sobre a complexidade da criação, entender que fazer, pensar e dobrar o papel é dobrar o mundo. Em cada fala há uma filosofia prática, uma maneira de compreender o ato criativo como um exercício de existência. Quando um zineiro conta como decidiu imprimir sozinho, ou como inventou uma técnica improvisada, ele está, sem saber, descrevendo uma moral provisória, uma ética da autonomia, um modo de afirmar o próprio lugar no mundo. A *afetografia* reconhece nisso uma pedagogia silenciosa: cada zine é também um modo de ensinar a viver.

(Imagem 17) Ana Basaglia e seu Zineeu - Acervo do autor



O processo de fazer um zine revela não apenas o resultado final, mas a tessitura invisível de quem o produz, quase uma espectrografia que desvela que emite luz ou mesmo que quem a omite. Ao observar o gesto de cortar, colar, dobrar, percebemos o pensamento em ação, uma coreografia de escolhas que traduz uma cosmologia pessoal. O papel se torna extensão da pele, o desenho prolonga

gamento do corpo, o texto uma espécie de respiração. Filmar esse saber/fazer é testemunhar a transformação da matéria em afeto, do cotidiano em linguagem. É nesse instante que a *afetografia* encontra sua força: quando o registro se torna espelho do processo criativo e devolve à arte sua dimensão encarnada.

Os zines, em sua fragilidade material, criam vínculos que resistem ao tempo-encontros. Eles circulam de mão em mão, atravessam cidades, chegam a caixas de correio como pequenos gestos de amizade. São objetos que não apenas se comunicam, mas se conectam, produzindo uma rede complexa de troca de informações. O *filmezine*, ao acompanhar essas trocas, revela como a cultura zineira constitui uma rede afetiva subterrânea, onde o que se compartilha não é só o produto, mas a própria vontade de estar junto. Cada exemplar enviado carrega o traço de quem o fez e o desejo de quem o recebe, um elo poético que a *afetografia* busca tornar visível.

Assim, desde o início de nossa pesquisa, delineamos fazer ela (pesquisazine) de modo teratológico, assumindo que o conhecimento também pode nascer do erro, do ruído, da anomalia, do traço, da cola, da dobra. Desta maneira me constitui como pesquisador-*monstrum*, ou seja, não observar de fora, mas contaminar-se, fundir-se, transformar-se junto ao objeto, tensionando o olhar, deslocando a expectativa, desorganizando o discurso. A estética teratológica nos ensina que pensar é deformar e que toda forma que se fecha sobre si mesma já começou a morrer e cabe a nós ressuscitá-la ressignificada como o monstro de Frankenstein.

Esses vínculos sociais se constroem fora da lógica do mercado e da visibilidade. Ninguém faz zine para vender; faz-se zine para existir em relação. O correio, as feiras, os encontros informais, os grupos virtuais são territórios de comunhão, espaços de reconhecimento mútuo. O *filmezine*, ao registrar essas trocas, mapeia também uma geografia do afeto: trajetórias que se cruzam, his-

tórias que se contaminam, amizades que se formam a partir do gesto simples de enviar uma folha dobrada. A *afetografia*, aqui, é um cartógrafo da generosidade, alguém que registra as linhas de uma comunidade que se sustenta na partilha. Essa comunidade é o fanzinato.

4.2. O antiproduto final de nossa pesquisazine³

O *antiproduto* final de nossa pesquisa não é um relatório, nem uma conclusão, mas uma reverberação. Ele não se fecha em resultados, mas se abre em ecos, rastros, ruídos e fragmentos que permanecem vibrando depois que o processo aparentemente termina. Chamo de *antiproduto* porque o que emerge desse percurso não é algo acabado, mas uma continuidade do gesto: zines que ainda se multiplicam, conversas que continuam, imagens que insistem em se reconfigurar. O *antiproduto* é o rastro vivo da pesquisa, sua forma de permanecer inacabada, em trânsito. Ao invés de entregar respostas, ele propõe retornos, desvios, recomeços, zonas autônomas temporárias que resistem à lógica da produtividade acadêmica e afirmam o processo como obra.

O *antiproduto* é também uma declaração de princípio: não há fim possível quando o que se investiga é o próprio ato de criar. Assim como o zine, ele existe para circular, para ser tocado, para ser refeito por outras mãos. Ele é o monstro que sobrevive ao laboratório, a criatura que escapa ao controle do autor e ganha vida própria no mundo. O *antiproduto* final, portanto, é uma potência disseminadora que não pretende concluir, mas contagiar; não busca validade, mas intensidade. Ele transforma a pesquisa

3. Neste trecho do relatório vou falar um pouco sobre cada encontro que eu tive na realização desta pesquisa. Vocês irão notar que falta a conversa com Zinerman, mas como já falamos sobre esse encontro em um ato fora a parte, ele não aparecerá aqui.

em uma zona de contágio afetivo, onde cada leitor, espectador ou interlocutor se torna coautor de um pensamento que não cessa de se mover.

Então, temos o *filmezine: Afetozine: uma afetografia dos zines poético-filosóficos*, um longa metragem que fala sobre encontros, sobre afetos, sobre pessoas que pensam, criam e vivem o fanzinato. São várias gerações de fanzineiros e fanzineiras que mantêm viva a circulação dos fanzines, cada um à sua maneira. Foram milhares de quilômetros, quatro estados, duas dezenas de horas de gravação, cerrado, praia, serra, frio e calor. Mensagens, telefonemas e enfim, sentar-se com cada um deles e delas, água, café e alguns biscoitos. Chafurdando caixas, estantes, varandas, escritórios, quartos e quintais. Nove personagens, nove fanzineiros e fanzineiras, nove artistas.

De João Pessoa temos o mestre Henrique Magalhães, para alguns o pesquisador que abriu as portas da academia para o fanzinato, não somente no sentido histórico, mas como campo de pesquisa rico e potente. Professor aposentado da Universidade Federal da Paraíba, responsável pelo maior repositório online de pesquisas sobre fanzines do Brasil, a “Marca de Fantasia”. Henrique não somente conhece as entranhas dos fanzines, ele é responsável por Maria, uma das personagens mais longevas dos quadrinhos nacionais, com 50 anos de idade, Maria o acompanha diariamente, com um humor ácido ela é mestra na arte de provocar.

Maria não é apenas personagem; é organismo que respira dentro da carne do tempo. Quando Henrique fala dela, há uma fusão quase alquímica entre criador e criatura, como se a vida, ao se repetir em traços e falas, encontrasse outra forma de permanecer. Maria é o espelho de uma ética afetiva e insurgente, uma figura que atravessa ditadura, repressão e esquecimentos com a ironia de quem sobrevive desenhando. Ela não se dobra à lógica do mercado, nem busca o aplauso das massas: sua existência é

resistência. *Então, eu coloco em Maria aquilo que eu vivo. Tanto que eu costumo dizer que eu sou mesmo Maria.* Ela é o gesto gráfico que insiste em dizer, com humor e dor, que ainda há humanidade entre os escombros, transformando-se em patrimônio imaterial da Paraíba.

(Imagem 18) Henrique Magalhães - Acervo do autor



No meio do ano de 2025, Henrique me recebeu em seu apartamento, sempre gentil, me mostrou seus trabalhos, seu ateliê, seu espaço. Alguns protótipos de Maria, impressões em 3D, que ele queria refinar, quem não quer ter uma Maria para chamar de sua em sua estante, sempre pronta para falar umas verdades na sua cara? Já no início de sua fala, Henrique compartilha: *fui um leitor de quadrinhos desde a infância e copiava muitos desenhos. Fazia ampliações das personagens que eu mais gostava. E isso me estimulou a chegar o momento de fazer os meus próprios trabalhos, os meus desenhos.* Uma característica muito marcante

te em vários quadrinistas. Depois de algum tempo publicando vários fanzines, revistas e folhetins, ele decide garantir uma vitrine para a história de outros quadrinistas, segundo ele: *Com o tempo eu achei que só publicar Maria já era uma limitação e queria mostrar o trabalho de outros quadrinhos paraibanos, outros quadrinistas paraibanos.*

Henrique consolidou o espaço dos quadrinhos poético-filosóficos como uma vertente singular da arte sequencial, mais introspectiva, simbólica e reflexiva do que a narrativa tradicional. Sua fala revela a consciência de um movimento que nasceu de encontros e afinidades estéticas, mas que também enfrentou a solidão de um campo “excêntrico demais”, situado às/nas margens do próprio underground. *Então, a revista Mandala durou alguns números até que chegou uma saturação, onde havia um uma espécie de repetição e os quadrinhos passaram a ser muito complexos, né, muito sofisticados e que o não havia um público que fosse interessado naquele tipo de quadrinhos, pensando que o público do meio independente é diferente do público do mercado, mesmo no meio independente, os quadrinhos poéticos filosóficos era uma coisa excêntrica demais.* Essa lucidez o torna não apenas um editor, mas um pensador da marginalidade criativa, alguém que entende o zine como laboratório de pensamento e comunidade afetiva. Em sua obra e em sua prática editorial, Henrique Magalhães faz do fanzine um território de liberdade radical, um gesto de resistência diante da lógica do mercado e uma pedagogia silenciosa sobre o poder da criação coletiva.

Conversar com Henrique é perceber que sua trajetória não é linear, mas circular em espiral, como o próprio movimento dos zines: nasce da margem, roda, retorna e recomeça, mas sempre diferente. O que vibra em sua fala é o entendimento de que a criação independente é um modo de estar no mundo, uma forma de espiritualidade política, de autopoiese. Maria, nesse sen-

tido, é um fanzine vivo: página que envelhece com o autor, corpo que se imprime no tempo, fragmento da história dos quadrinhos brasileiros que pulsa fora das vitrines. Ao final, quando ele diz *enquanto eu estiver vivo, Maria estará existindo*, o que se ouve é uma declaração de amor à arte como persistência do afeto: *Maria, ela sobrevive esse tempo todo porque ela reflete a minha própria vivência. Enquanto estiver vivo, Maria vai estar existindo, é a partir das minhas ideias. Então, isso aí é a minha força de expressão.*

Na sequência, em 2024, em Goiânia, direto da Universidade Federal de Goiás, temos não somente um dos maiores pesquisadores em fanzines do país, temos também um artista transmídia, criador do universo ficcional da Aurora Pós-humana, mestre do quadrinho nacional, tecnoxamânico e mago das artes ocultas e digitais, o Ciberpajé a.k.a. Edgar Franco. Mineiro radicado em Goiás, líder do Cria_ciber - grupo de pesquisas em ciberarte, foi orientador de diversas teses, dissertações e TCC sobre fanzines. Mas Ciberpajé vai além de um pesquisador, ele é responsável por dezenas de publicações de fanzines, livros, filmes, músicas, ou seja, seu trabalho é muito difícil de catalogar, a não ser por uma categoria que ele mesmo inventou: quadrinhos poético-filosófico.

O Ciberpajé habita a fresta entre o humano e o cósmico. Sua criação não é mero gesto artístico, mas rito xamânico, um chamado para reencantar o mundo através da arte, nas palavras dele: *Edgar Franco é o meu alter ego que ficou no passado. Eu sou o Ciberpajé, um ser em constante transmutação, em busca da minha integralidade como ser e da minha conexão com a natureza e o cosmos.* Edgar Franco deixou o corpo do arquiteto e o nome do passado para nascer em transmutação, um ser que conjuga carne e bits, ancestralidade do futuro e cibernética. Na sua fala, o fanzine aparece como território de liberdade total, onde o pensamento não pede licença ao mercado e a criação se torna ato



(Imagem 19) Ciberpajé, a.k.a. Edgar Franco - Acervo do autor

de existência plena. Ser zineiro, para ele, é ser livre, não apenas no gesto de publicar, mas no modo de habitar o mundo.

Criar, diz o Ciberpajé, *é ritualizar a existência*. E é justamente nesse gesto que ele encontra a potência de uma filosofia encarnada, onde o pensamento não se separa da vida. Suas performances, suas HQs e seus *filmezines* são dispositivos mágicos de transmutação, corpos que queimam, renascem e comunicam o invisível. Através deles, o Ciberpajé dá forma à sombra, aquele lado negado pela racionalidade ocidental e a transforma em força vital. A arte, em sua concepção, não é ornamento, mas alquimia: lugar onde o ódio, a raiva e o desejo se tornam matéria luminosa, criadora e destruidora. *Na arte eu posso destruir tudo que eu quiser. Eu posso criar um mundo e destruir esse mundo. Eu posso criar personagens e destruí-los*. Ele cria para destruir e destrói para criar, uma estética da impermanência. Ao reunir nomes como Gazy Andraus, Flávio Calazans e Henrique Magalhães sob essa constelação poético-filosófica, o Ciberpajé não apenas

tece uma genealogia, mas inaugura um campo de força: o da arte como filosofia viva, insurgente e brasileira.

O quadrinho poético-filosófico, gênero que ele nomeia e o legitima, nasce desse mesmo impulso: uma tentativa de pensar com o corpo e sentir com o pensamento, pois os *quadrinistas*, *eles experimentavam com textos poéticos, com narrativas que não eram lineares e também experimentavam com possibilidades de enquadramento e traços*. Sua fala, sempre entre o sonho e o manifesto, nos convida a reconfigurar o gesto da pesquisa e da arte: fazer é ser, ou seja, ele é um, pelo menos ontologicamente, um zine. Ele nos lembra que o fanzine, em sua radical inutilidade, é um ato sagrado, uma oferenda ao cosmos. Entre a tela e o papel, entre o rito e o código, o Ciberpajé propõe uma estética da integralidade: o artista como xamã, o zine como corpo em trânsito, e a criação como possibilidade de cura para o mundo, para o outro e para si.

Na confluência entre a cosmovisão do Ciberpajé e o gesto afetográfico que move esta pesquisa, encontro o mesmo sopro primordial: a criação como rito de presença. Assim como ele compreende o ato artístico como transmutação, uma forma de tornar visível o invisível, também busco nos *filmezines* essa potência de atravessamento entre corpos, imagens e afetos. O Ciberpajé ritualiza o tempo; eu o cinema autoral. Ambos lidamos com o invisível: ele, pela via do sagrado tecnológico; eu, pelo enquadramento poético do encontro. Nessa dobra, o *filmezine* se revela como extensão da filosofia viva que ele encarna, uma espécie de ciberpajelança audiovisual, onde cada gesto de montagem é também gesto de cura.

Ainda em Goiânia, mas agora em 2025, encontrei com Duane Ribeiro, uma jovem pesquisadora do mestrado em Artes e Cultura digital da UFG. Duane é uma artista promissora que tem feito um grande trabalho na pesquisa sobre autoficção em quadrinhos.

Nos encontramos no laboratório de impressão da FAV/UFG e lá conversamos sobre arte, quadrinhos, zines, sua pesquisa e sua relação com o gênero poético-filosófico.

(Imagem 20) Duane Ribeiro - Acervo do autor



A noção de *autoficção* em seu trabalho é mais do que um conceito: é uma ética. Duane não cria personagens distantes; cria espelhos fragmentados de si, como se cada HQ fosse um diário em mutação. Ela fala da própria imagem como algo instável, em movimento contínuo, nunca fixa, nunca definitiva, em suas palavras: *buscar me expressar de maneira mais livre, não me prendendo a uma imagem que é fixa, mas uma que está em constante movimento*. O corpo, a identidade, o pensamento, tudo se transforma. Ao integrar o poético-filosófico em sua produção, ela desloca o foco da narrativa linear para a experiência sensível, incorporando o gesto, o tempo e o silêncio como elementos de

linguagem. Em suas páginas, o texto se dissolve em textura, e a linha, mais do que desenhar, revela.

Há em Duane uma busca constante por liberdade, não a liberdade abstrata, mas a liberdade de se permitir mudar, de não caber em moldes. Ela fala de como as redes sociais abriram novas possibilidades de circulação e troca, e de como, ainda assim, a experiência zineira preserva algo essencial: *Enfim, era um pouco mais complicado e hoje isso é muito amplo. Eu acho muito legal que hoje em dia é possível ter contato com eventos, com feiras, com exposições, com muitas outras pessoas e inclusive mulheres que produzem esse tipo de zines, de produções, que têm ideias bem diferentes que a gente consegue se inspirar. É muito positivo.* Na fala de Duane, a questão da mulher zineira emerge como presença e resistência.

Ela reconhece que, apesar dos avanços, o espaço das mulheres nos quadrinhos e nos zines ainda é atravessado por ausências e silenciamentos. Sua trajetória, portanto, é também um gesto político de ocupação. Ao se afirmar como mulher, artista e pesquisadora, Duane inscreve seu corpo no campo do poético-filosófico não apenas como criadora, mas como pensamento encarnado como suas autoficções. Suas obras falam de si e de outras, costumam memórias e afetos, reconstituem uma linhagem de criadoras que sempre estiveram lá, mas raramente foram vistas. Na sua prática, o zine torna-se ferramenta de visibilidade e cuidado, um lugar onde a voz da mulher não pede passagem: ela imprime.

Conversar com Duane foi perceber o futuro do quadrinho poético-filosófico se desenhando em novas linguagens, digitais, híbridas, afetivas. Ela carrega no olhar o mesmo impulso que moveu os pioneiros do gênero, mas com fôlego de quem cresce num mundo em rede. Em seu gesto há continuidade e reinvenção: o poético-filosófico se torna agora também *autoficcional*, expandindo a tradição do pensamento sensível para a esfera do eu em

travessia. *Então eu consigo produzir nessa mídia e expressar também esses modos de vivência, da condição humana.* Duane prova que o zine ainda é um corpo vivo e que nele, cada artista pode se redesenhar infinitas vezes.

(Imagem 21) Martinique Schultz - Acervo do autor



Em Brasília, vou ao encontro de Martinique Schultz ou simplesmente Nique, uma artista visceral que vem transitando em várias ramificações do fazer artístico, mas que tem realizado um trabalho de fôlego no gênero poético-filosófico. Ela me convida ao seu *apartamento ateliê*, onde cada cômodo cheira a experimentalismo artístico, cada parede, cada espaço, cada objeto revela sua inquietação diante do mundo, seja externo ou interno.

Nique fala e cria a partir de uma urgência quase física, como se desenhar, recortar ou escrever fosse um modo de respirar. A

minha mão parece que ela sente vontade. Às vezes, sabe, você riscando no telefone, às vezes tem disso. Eu tô querendo mexer em alguma coisa, tô querendo escrever, desenhar. Parece que é uma necessidade física, ela diz, rindo e confessando que o gesto de riscar o papel surge antes mesmo do pensamento. Essa compulsão criativa se transforma em zines que nascem do cotidiano e das relações, da raiva, da ternura e da ironia. Suas personagens, a coruja mal-humorada *Moxoxo* e a peixe solar *Carpadia* são alter egos cômico-filosóficos que traduzem estados de humor, fragilidades e pequenas epifanias. Com elas, Nique constrói diálogos consigo mesma, uma dramaturgia interior em que o riso é remédio e o traço é desabafo.

Há uma doçura trágica em sua fala, uma sabedoria melancólica ao reconhecer que, ao criar, não busca grandes verdades, mas companhia para diálogos, *como eu tô publicando, né? Se fosse só para mim também não tava publicado, né? Eu tava guardando aqui e eu lia e eu me consolava com isso aqui. Eh, são mensagens em garrafas. Eu falei, sabe quando eles usam essa ideia de que a pessoa tá perdida na ilha, né? E joga essa mensagem para ver se alcança alguém. Então assim, se eu eu tô jogando essas mensagens, se alcançar alguém que converse comigo, que é o que eu quero, eu quero conversar,* confessa, e há nisso uma filosofia afetiva que beira o sublime: o zine como cuidado de si, como modo de transformar a solidão em diálogo. Suas páginas, dobradas como origamis, são pequenas mensagens em garrafas lançadas ao mundo, convites para conversar, rir ou chorar junto.

Ao observar sua produção, percebo que o trabalho de Nique desdobra o poético-filosófico em direção ao íntimo e ao lúdico, criando uma zona de contato entre humor e dor, entre o leve e o denso. Ela não faz zines “importantes” como gosta de enfatizar, mas zines necessários: aqueles que falam do cotidiano com simplicidade radical da Filosofia do cotidiano. Há uma ironia

amorosa em seu gesto, uma filosofia selvagem que emerge do excesso e do afeto. E é justamente nesse descontrole, nesse fluxo de emoções não domesticadas, que reside a força de sua obra: cada *Zinique* é um espelho em estilhaços, um mosaico de vozes interiores que, ao se deixarem ouvir, nos lembram que pensar também pode ser brincar.

Em Nique, a comunicação é sempre tentativa e travessia. Ela própria confessa a fascinação e o desespero diante da impossibilidade de se fazer entender, gerando uma tensão que se converte em matéria estética. Sua arte nasce desse ruído, desse curto-circuito entre o que se sente e o que se pode dizer. Ao transformar suas frustrações comunicacionais em narrativa visual, Nique faz da *incomunicação* um tema e um motor criativo, cada zine seu é uma tentativa amorosa de alcançar o outro, de lançar ao mar mais uma garrafa com palavras e desenhos que pedem escuta. Sua obra é um gesto comunicante que não se contenta com a clareza, apesar dela sempre procurar a clareza nas relações, ela acaba tropeçando involuntariamente, a hesitação, o balbúcio poético acaba emergindo desses tropeços, como forma de verdade. Em cada linha trêmula há um pedido de contato, e talvez seja esse o coração do seu trabalho: comunicar-se para existir, existir para continuar tentando comunicar.

Ainda em Brasília, mas um ano antes, em 2024, eu tinha começado minha jornada, dessa vez me encontrei com um pirata, ou melhor, um ciberpirata, ciberpunk, ciberbucaneiro, artista multimídia, filósofo, fanzineiro, *zineasta*, *muzinista* ou como ele mesmo se auto intitula, um Amante da Heresia. Leo Pimentel coagula em sua existência a expressividade potente de uma filosofia de vida que não limita aos atalhos do fazer artístico, sua existência é amálgama de suas ideias, de suas performances do existir, se contrapondo efetivamente a toda forma de opressão estética, ética e epistêmica.



(Imagem 22) Amante da Heresia - Acervo do autor

Ao se definir como “Amante da Heresia” ele o faz justamente por recusar a castidade do saber. *Enquanto o filósofo é amigo da sabedoria, eu sou amante da heresia*, afirmou, com ironia e firmeza. A heresia, para ele, é mais do que provocação, é uma postura ética, uma forma de não sucumbir às narrativas hegemônicas. No zine, no som, no vídeo ou na performance, Léo faz da heresia um princípio criativo: pensar contra, pensar ao lado, pensar com. Ele é o corpo que desobedece à forma, o pensador que pensa em ritmo. Sua filosofia é promíscua porque é generosa: acolhe contradições, fragmentos, ruídos, silêncios. Ele não quer pureza, quer contágio, ser vírus que infecta a colonialidade.

Ao falar de seu processo, Léo menciona os *gestos cinematográficos* e a ideia de *muzinista*, conceitos que ele próprio inventou (umas das artes dominadas por Leó) e que fazem da música e do zine uma mesma pulsação. O *muzinista* é aquele que toca

o zine como se fosse instrumento, que faz da montagem sonora uma escritura visual. Em suas composições eletroeletrônicas, há ecos de anarquia e ritual, como se cada faixa fosse uma colagem viva de mundos em conflito. O som, o corpo e a imagem tornam-se indissociáveis e é aí que Léo se aproxima dos poético-filosóficos, não como seguidor, mas como desbravador, como um pirata, furtando tudo à sua volta e criando uma outra estética da expropriação. Ele transforma o fazer artístico em um campo de experimentação ontológica, onde criar é também se criar.

Encontrar Léo foi como adentrar um redemoinho de pensamento e som, uma tempestade criativa onde a razão se dissolve na pulsação anárquica da arte. Ele não fala sobre zines; ele vive em zine. Sua própria vida é montada em colagens de linguagens, ruídos e gestos performáticos. *O fanzine não é um objeto, é um ethos*, ele me disse, com a voz pausada de quem transforma o verbo em flecha. E, de fato, em Léo tudo é gesto: o olhar, a fala, a respiração, tudo parece compor uma filosofia encarnada que fissa as fronteiras entre pensar e viver. Sua criação é uma insurgência contra a assepsia do pensamento, uma heresia necessária, porque vital.

Em São Paulo, fui até a região do ABC paulista, lá encontrei Thina Curtis, uma das maiores fazineiras do país, responsável pela Fanzinada, um dos principais eventos de fanzines do Brasil. Thina tem uma história marcada pelos fanzines, toda sua vida tem sido dedicada a divulgação, criação e diálogos com o fanzinato. Com um tom terapêutico ela afirma: *Desde muito pequena, eu fazia colagens e escrevia poesias. Sempre gostei de escrever, embora nunca tenha tido o dom para o desenho. Então, eu imaginava meus poemas como algo visual, ilustrado. As colagens eram uma forma de dar corpo a isso, uma terapia mesmo*. Thina é memória viva de um tempo em que as cartas eram portais, e cada envelope trazia o cheiro da amizade e da resistência. Suas

histórias de juventude, quando enviava zines e recebia fitas desmontadas, incensos e camisetas, revelam o fanzinato como território de partilha radical.

(Imagem 23) Thina Curtis - Acervo do autor



Para Thina fazer fanzines era uma maneira de encontrar para si um vínculo social, fruto de seu desencaixe ao mundo, segundo ela: *Eu já era diferente. Não me encaixava muito na sociedade, sabe? As minhas músicas eram “estranhas”, eu andava de skate, gostava de coisas que me levavam por caminhos que não eram os “normais”. E isso também me impulsionava a fazer fanzine.* Isso é uma característica muito marcante do fanzinato, a saber, encontrar formas de subverter o *status quo* que empurra à homogeneidade e à massificação.

Há em Thina uma consciência política que se confunde com uma ética do cuidado. Sua experiência como arte-educadora em

presídios revelou o poder dos zines como ferramenta de emancipação e escuta. “No fanzine, todo mundo pode falar”, ela insiste e essa é talvez sua maior pedagogia: o direito à palavra como forma de liberdade e foi com pessoas em situação de privação de liberdade que se tornou a Dona Fanzine. Em suas oficinas, ela propõe o fazer como gesto de cura e de afirmação, figura simbólica que ela mesma encarna, feita de afeto e insurgência, de mãos que dobram papéis e costuram dignidades.

Conversar com Thina é também revisitar a história das mulheres no fanzinato, uma história marcada por apagamentos e silenciamentos. Ela fala com emoção sobre o quanto ainda é preciso fazer visível o trabalho das mulheres zineiras que vieram antes, aquelas que escreveram, colaram, diagramaram, mas não foram nomeadas. Sua pesquisa e ação política com o projeto *Bra-sileiras Zineiras: o protagonismo feminino nos fanzines* (2023) vem preencher esse vazio, resgatando não apenas nomes, mas modos de fazer e de estar no mundo. *É, eu venho de um tempo que as mulheres não ocupavam tanto o espaço. Sempre teve muitas mulheres produzindo, mas poucas conseguiam ficar. ou frequentar ou divulgar seus trabalhos. Acabava que a maioria trocava por cartas, mas não chegava algum evento, algum encontro ou era valorizada.* Para Thina, o fanzine é um espaço de corpo e voz, um refúgio contra o silenciamento histórico e um instrumento de reencantamento. Em sua fala, as mulheres não apenas produzem: elas resistem, elas educam, elas narram o mundo desde o cotidiano e o gesto pequeno e é nesse gesto que reside a verdadeira revolução.

Seu flerte com os punks e anarquistas é pano de fundo de sua atividade na divulgação dos fanzines: *O fanzine é uma liberdade de expressão assim extrema. Talvez não exista uma outra linguagem de cultura que seja tão plural, tão diversa e tão possível...* Thina faz dos zines uma extensão de si e de sua crença

inabalável na potência do comum, da militância fanzineira e de sua atuação como oficinaira.

Seus trabalhos, como o *Café Ilustrado*, revelam uma poética do cotidiano, uma escrita que nasce da pausa, do cheiro do café, da observação das pessoas e das memórias de uma vida atravessada por lutas e afetos. Para ela, o fanzine é mais do que um meio de expressão: é um modo de viver, de construir presença e sentido em um mundo acelerado e anestesiado. Ao deixar seu lar, senti que Thina não apenas produz fanzines, ela é o próprio fanzine como prática cotidiana, múltipla, afetiva, rebelde e necessária. Uma artista que nos lembra, com simplicidade e força, que criar é também cuidar, e que cada dobra de papel é uma forma de amor político.

Ainda em São Paulo, agora na capital paulista, fui em busca de Ana Basaglia, professora, design, fanzineira, editora e pesquisadora e dedicou sua pesquisa de doutorado a mulheres fanzineiras. Ela me recebe em seu escritório, conversamos sobre mulheres fanzineiras, arte, livros, publicações independentes e é claro, sobre fanzines. No início da conversa ela fala do porque se interessou pelos fanzines: *Olha só, o que que me atrai no Fanzine e que me atraiu desde o começo é exatamente a possibilidade de eu deixar uma marca, e enquanto designer eu olhar a marca das outras pessoas. É o que me encanta.*

Ao narrar sua trajetória, Ana reconhece que o fanzine atravessou e a provocou a pensar não somente artisticamente, mas socialmente: *E eu pesquiso, coleciono fanzines, mas faço também e provo os grupos por onde eu transito a fazerem também, porque eu acho que isso tem uma importância do ponto de vista social mesmo.* Ela falou que seu interesse por mulheres fanzineiras nasceu justamente desse desejo de compreender as marcas que as mulheres deixam no papel, não apenas como criadoras, mas como leitoras, editoras, mediadoras. Sua pesquisa é também

um gesto de reconhecimento, um trabalho de arqueologia afetiva que ilumina presenças soterradas pela história oficial da arte, do design e no próprio fanzinato.

Quando Ana diz que acha *sensacional poder fazer fanzine e dizer o que você quer, o que você pensa*, sua fala revela o cerne da experiência zineira como ato de liberdade e partilha. Para ela, o fanzine é um espaço onde a autoria se multiplica, onde o “eu” se expande ao encontrar o outro ou outra, a parceria, a colega, a cúmplice de criação. Essa troca de autorialidade, como ela chama, é o que transforma o fazer em experiência coletiva, em registro de um tempo vivido. O fanzine, nesse sentido, é documento e afeto: marca o tempo da gente, as conversas, as urgências, os pensamentos que as narrativas coloniais não arquivam. Em sua voz há a consciência de que cada página dobrada, riscada, é também um testemunho de uma forma artesanal de existir e inscrever-se no presente.

(Imagem 24) Ana Basaglia - Acervo do autor



Quando Ana fala sobre “amar o inútil”, ela revela a mais profunda filosofia do fanzine: a de existir fora da utilidade, fora da lógica da produtividade e do lucro. Pois é preciso amar o inútil, porque no inútil está a beleza. *Cara, não é super legal isso? Fanzine reside nesse lugar do inútil. Mas ele é inútil para quem? Para mim ele é super útil. Para mim ele é lindo. Ele é beleza. Ele é conexão, ele é conversa, ele é troca. Isso não é inútil.* O fanzine, para ela, é essa estrela inútil que brilha na contramão do mercado e é justamente por isso que é bela. Sua fala me atravessa como manifesto e poesia, o inútil como território da criação verdadeira, onde a arte ainda pode ser encontro, conversa, troca. O que o mundo chama de desperdício, Ana chama de sentido. O fanzine, nesse lugar, é gesto de desobediência amorosa: ele não serve a nada porque serve à vida. É o espaço onde o pensamento respira sem pedir autorização, onde o tempo desacelera e o afeto se imprime em papel.

Por fim, desço ao litoral paulista e me encontro com aquele que considero o maior pesquisador de fanzines do Brasil, Gazy Andraus. Artista, colecionador de impressos, fanzineiro, professor e pesquisador, tem dedicado toda sua vida ao fanzinato. De um apartamento/fanzinoteca/gibiteca em São Vicente, litoral paulistano, ele conversa comigo sobre suas pesquisas, sobre os quadrinhos fantástico-filosóficos (como ele, chama os quadrinhos poético-filosóficos) e sobre o GaZyne, o canal que ele criou que é dedicado às análises e publicização dos fanzines na internet.

Conversar com Gazy é viajar em memórias gráficas, papéis, colagens e narrativas que atravessam décadas. Sua fala é purgante, repleta de referências, carregada de paixão, uma paixão que não se esgota, que se reinventa a cada novo zine que chega às suas mãos. Ele vive entre pilhas de impressos que parecem respirar, cada um guardando o vestígio de uma voz, de um gesto, de uma época. Sua fanzinoteca, não oficial, diga-se de passagem,

é mais do que arquivo: é organismo vivo, constelação de afetos impressos. Gazy não apenas estuda os zines, ele os escuta, os acolhe, os deixa falar em suas pesquisas.

(Imagem 25) Gazy Andraus - Acervo do autor



Ao descrever sua trajetória, Gazy lembra que tudo começou nos anos 1980, quando os fanzines eram enviados por correio, circulando como mensagens cifradas de uma comunidade subterrânea. Lembrando destes tempos: *fazia circular a expressividade artística, cultural dos quadrinhos de todos os gêneros narrativos, incluindo os poéticos, fantástico-filosóficos, no fanzinato pelo Correio do Brasil*. Cada zine que passa por suas mãos se torna parte de uma teia maior, uma história coletiva que ele insiste em registrar antes que o tempo desfaça.

Quando fala dos quadrinhos fantástico-filosóficos, Gazy revela uma dimensão quase espiritual de sua pesquisa. Ele entende o

quadrinho não apenas como narrativa gráfica, mas como dispositivo de pensamento, uma forma de filosofia visual que dialoga com o sonho, o inconsciente e o simbólico. *Como uma reflexão após uma conversa com amigos num passeio na praia. Eu fui filosofar, acabei filosofando sobre a existência da morte e ela em relação ao ser humano e com todo um trabalho de narrativa de quadrinhos que têm influência do super-herói e ao mesmo tempo uma nova roupagem de poético-filosófica. Então eu não sabia nada disso. Eu fui fazendo e depois a gente foi percebendo isso.* Retomando essa convergência entre arte e reflexão que atravessa toda sua obra. Em seus próprios quadrinhos, o fantástico é ferramenta para revelar o invisível, para tensionar o real. Sua poética gráfica dissolve fronteiras entre texto e imagem, ciência e mito, pesquisador e criatura.

O *GaZyne*, seu canal dedicado ao fanzinato, é a expansão natural desse impulso arquivista-afetivo. Lá, Gazy compartilha análises, entrevistas, memórias como se continuasse a antiga circulação por correio, agora mediada pelo digital. Mas, apesar da tecnologia, sua ética permanece a mesma: a da partilha, da escuta e do encantamento. Ele acredita que cada fanzine carrega uma singularidade que precisa ser preservada, não por nostalgia, mas por amor à multiplicidade do humano. Ao deixar seu apartamento, entre pilhas de publicações e cheiros de papel antigo, percebo que Gazy é o guardião das memórias do fanzinato brasileiro, o cartógrafo de um território feito de afeto, imaginação e resistência silenciosa.

Sobre José Zinerman Nogueira temos um ato dedicado a ele.

Concluzine

Encerrar este percurso é quase um contrassenso, pois o que aqui se fez não foi um caminho linear, mas uma deriva. Cada encontro, cada conversa, cada zine e cada imagem abriram portais, e não conclusões. O que aqui se chama conclusão é, na verdade, mais uma dobra do processo, um ponto de inflexão que prepara o próximo movimento, por isso o chamo de *concluzine*. A pesquisa, como o zine, é corpo vivo, fragmentário, precário, mutante, monstruoso. Cada ato, cada filme, cada encontro deixa rastros que continuam reverberando no campo da cultura visual e das artes visuais, assim como da educação como prática de liberdade. A pesquisa se tornou corpo, movimento e acontecimento. Mais do que estudar o fanzine, foi preciso ser fanzine, dobrar-se, rasurar-se, colar-se de novo, deixar-se imprimir pelos afetos que emergiram dos encontros, de cineasta para *zineasta*. O que fica, então, é menos uma síntese e mais um zine, o eco dos gestos, das vozes e das presenças que compuseram esta jornada.

Percebo agora que os filmezines poético-filosóficos não são apenas uma proposta estética, mas uma ética de relação. Neles, o pensamento não se organiza em capítulos, mas em afetos; não se explica, mas se experimenta. A câmera, o papel, o som e o corpo se misturam numa linguagem que recusa hierarquias, abrindo espaço para o sensível, o acaso e o encontro. Cada artista que encontrei (Henrique, Ciberpajé, Duane, Nique, Zinernan, Léo, Thina, Ana, Gazy) trouxe uma parte desse corpo múltiplo que é o fanzinato brasileiro, um corpo rizomático que pulsa entre a resistência e o sonho, a política e a poesia, o poético e o filosófico.

Há uns anos em me senti sozinho, meus quadrinhos pareciam não conversar com ninguém, até que descobri um mundo de fanzineiros e fanzineiras que vivem, compartilham e entendem uns aos outros por meio de narrativas visuais, audiovisuais, poético-filosóficas e com muito diálogo se abrem ao diferente, às margens, à vida.

O fanzine, percebo, também é uma tecnologia afetiva, uma forma de comunicação potente que sobrevive porque não precisa de permissão. É o impresso da amizade, do coletivo, o rastro do gesto, o testemunho daquilo que não cabe em algoritmos. Fazer zine é, de certo modo, recusar o desaparecimento. É insistir em existir, mesmo que o mundo diga que isso é inútil. Mas é justamente no inútil que mora a beleza, e talvez seja essa a mais radical das potências. O fanzine nos devolve o direito ao erro, ao improviso, ao traço torto, à palavra incompleta. Ele nos lembra que pensar também é sentir.

O cinema, quando atravessado pela lógica do zine, se livra de sua vocação totalizante e se torna gesto artesanal, insurgente, selvagem. É uma arte da precariedade que assume o erro, o tremor, o borrão, como parte da composição. O *filmezine* é, portanto, uma pedagogia da imperfeição, uma estética do inacabado.

Nosso filme, *Afetozine: uma afetografia dos zines poético-filosóficos* é um ensaio de risco, uma ode aos processos criativos, aos desejos em cada zine que circula de mão e mão, de cada novo leitor que surge com um zine, passando adiante, como uma continuidade necessária. Assim, o AfetoZine não termina, ele continua em cada dobra, em cada impressão, em cada novo gesto de partilha. Esta pesquisa é um fragmento de um processo maior, que ainda se escreve e se imprime no cotidiano, no encontro e na vida. Se o *filmezine* poético-filosófico é uma forma de pensar com o corpo, a subjetividade, a potência, a política, a arte, então este trabalho é o registro de um corpo coletivo em travessia. E, como todo corpo vivo, ele se transforma, se refaz, se deixa afetar.

Em futuras pesquisas, torna-se urgente aprofundar a reflexão sobre o papel da **afetografia** como metodologia sensível e performática, não apenas na arte, mas também na educação e na comunicação. Como registrar sem reduzir? Como narrar o encontro sem domesticar o outro? A afetografia convida a pensar um método que não é método, um modo de caminhar guiado por sinais, pressentimentos e potências. Nos desdobramentos desta pesquisazine, seria fecundo cartografar como outros artistas e pesquisadores têm reinventado suas práticas a partir do afeto como princípio epistemológico, expandindo o conceito de pesquisa para o campo da convivência e da escuta.

Outro ponto de desdobramento se dá na **teratologia como epistemologia expandida**. O monstro não é apenas figura simbólica, mas categoria operatória que desestabiliza o saber. Pensar a pesquisa como criação de monstros é repensar a própria ideia de normalidade metodológica. Em uma academia que tende a domesticar o pensamento, a teratologia é o gesto radical de resistência. Futuras investigações poderiam explorar mais esta teratologia: como a criação de seres conceituais, híbridos e disformes, pode nos ensinar a habitar o desconhecido sem medo, e a reconhecer a alteridade como fonte de pensamento.

Há também a necessidade de aprofundar a relação entre **tecnologia e a imaginação**, que perpassa a pesquisa em sua dimensão ciberxamânica. Os zines e filmezines aqui produzidos operam na interface entre o artesanal e o digital, entre a cola e o código. Este tensionamento é fértil: o gesto manual e o gesto tecnológico deixam de ser opostos e passam a constituir uma mesma coreografia do fazer. Uma pesquisa futura poderia mergulhar nessa zona de contágio entre o tecnoxamanismo e o cinema experimental, compreendendo como a tecnologia pode ser reencantada, ritualizada, tornada instrumento de fabulação sensível.

No plano educativo, esta pesquisazine abre caminho para pensar uma **educação zineira e filmica** que se funda na experiência e não na transmissão. Um ensino que não ensina, mas convoca. Que não impõe um método, mas provoca a invenção de novos modos de existir. O filmezine, nesse contexto, também é um dispositivo pedagógico: ele educa o olhar pela sensibilidade, ensina pela deriva, forma pela fabulação. Cada corte de edição é um gesto de pensamento; cada montagem, uma aula sobre o imprevisível. Uma linha de pesquisa que una cinema, arte-educação e poética zineira poderia ampliar essa pedagogia do olhar afetivo.

Outro caminho promissor é a **cartografia das práticas zineiras como redes de criação coletiva**. A afetografia mostrou que o conhecimento nasce da partilha, das conversas, dos risos e das caminhadas. Mapear essas redes, suas geografias, suas poéticas e seus vínculos, seria aprofundar o estudo do zine como ecossistema cultural e político. A pesquisa pode seguir rastros, correios, envelopes e pixels, entendendo o fanzinato como campo expandido da arte contemporânea e como micropolítica de resistência. O zine é arquivo e manifesto, ruído e semente.

Por fim, o gesto de fazer um filmezine é também uma forma de existir no tempo. Ele convoca uma temporalidade expandida, onde o instante se alonga e o registro se torna presença. Fazer de si um zine e de um zine, um filme é aceitar viver como montagem infinita. A cada novo recorte, o pesquisador se refaz, e o mundo também. Assim, a conclusão desta pesquisa não é um ponto final, mas uma dobra a mais nessa colagem existencial. Cada nova pesquisa que dela nascer carregará, inevitavelmente, um fragmento do mesmo *monstrum*: o desejo de pensar e criar com o outro, fabular mundos possíveis e continuar a arte do encontro.

Por isso reafirmo: esta pesquisa é um zine.

Referências Bibliográficas

AMORIM, Wellington Lima. Posfácio: o que deseja Edgar Franco?. In: *Dossiê Ciberpajé: Arte, Vida & Transmídia - Cadernos Zygmunt Bauman*, V. 7, N.15, 2017. URL: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/8347>. Acesso em 11/02/2024.

ANDRAUS, Gazy. Ciberpajé: um irmão siamês das artes poéticas!. In: *Dossiê Ciberpajé: Arte, Vida & Transmídia - Cadernos Zygmunt Bauman*, V. 7, N.15, 2017. URL: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/8335>. Acesso em 11/02/2024.

_____. A independente escrita-imagética caótico-organizacional dos fanzines: para uma leitura/feitura autoral criativa e pluriforme. Trabalho apresentado ao Eixo 14 – Escritas, imagens e criação. In: *Caderno de resumos e Programação do Congresso de leitura do Brasil* (17º COLE). Campinas, SP, julho de 2009, p. 152. Disponível em <http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/cadernodeatividades.pdf>. Acessado em 18/12/2018.

_____. *As Histórias em Quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário*. Tese de doutorado. USP: São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-13112008-182154/>

_____. O fanzine de HQ, importante veículo de comunicação alternativa imagético-informacional: sua gênese e seus gêneros (e a influência do mangá). In: ANDRAUS, Gazy. O trabalho com HQ no PROVE. *Revista PROVE*. Ano 9, n. 9. São Paulo: Publicação do Grupo de Escolas Municipais – EMEFS, novembro de 2010.

_____. SANTOS NETO, Elydio dos. Dos Zines aos BiograficZines: compartilhar narrativas de vida e formação com imagens, criatividade e autoria. In MUNIZ, Cellina (org.). *Fanzines: Autoria, subjetividade e invenção de si*. Fortaleza: Editora UFC, 2010.

ALBERNAZ, B. & PELTIER, M. *Almanaque de Fanzines*. Rio de Janeiro: Arte de Ler, 1995.

_____. Fanzines Brasileiros do final do Século XX: a redenção com as publicações nacionais das Histórias em Quadrinhos. *1as Cyberjornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos*, São Paulo. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 25 set, 2020. Apresentação online na Sessão Temática 9: Quadrinhos, Cultura e Literatura. Disponível em: <https://youtu.be/WGP3qz9ZnXQ>. Acesso em: 26 out. 2024.

_____. *Os fanzines como arte (ou: a plurivalência paratópico-criativa dos artezines)*. Relatório Final de pesquisa do pós-doutorado ao PPGACV da FAV da Universidade Federal de Goiás (UFG). Supervisor: Prof. Dr. Edgar Silveira Franco. Goiânia: UFG, 2024. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1al-hNYTvLm_6usaWssZ4jIfDsXvjy-rL/view. Acesso em: 12 set. 2024.

BARROS, Danielle. *Agartha: símbolos e mitos nos quadrinhos poético-filosóficos*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2018.

BARROS, Danielle. *Entrevista exclusiva ao blog HQforismo – Por Natasha Hoshino*. URL:<http://www.hqforismo.com/#!Entrevista-com-Danielle-Barros-parte-/cmbz/573e3a590cf28fa13af788bo>. Acesso em 23/12/2016.

BATEY, Jackie. *Art-Zines, The Self-Publishing Revolution: The Zineopolis Art-Zine Collection*. International Conference on the Book University of St. Michael's College, 9th, Toronto, Canadá, 2011. Updated version. Portsmouth: University of Portsmouth, UK, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/11327760/Art-Zines_The_Self-Publishing_Revolution_The_Zineopolis_Art-Zine_Collection. Acesso em: 18 abr. 2023.

CARVALHO, Nadja. Acordei com Vampyroteuthis Infernalis: refletido nas figuras de Edgar Franco. In: *Dossiê Ciberpajé: Arte, Vida & Transmídia - Cadernos Zygmunt Bauman*, V. 7, n. 15, 2017. URL: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/8341>. Acesso em 11/02/2024.

_____. *Edgar Franco e suas criaturas no banquete de Platão*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2012.

ELIAS, Helena; VASCONCELOS, Maria. Desmaterialização e Campo Expandido: dois conceitos para o Desenho Contemporâneo. 8º. *Congresso Lusocom*, Lisboa, 2009. *Actas*. Lisboa: Universidade Lusófona, 2009. p. 1183-1198. Disponível em: https://appoa.org.br/uploads/arquivos/1337_desmaterilizacao.pdf. Acesso em: 10 ago. 2021.

FRANCO, Edgar; BARROS, Danielle. Aforismos & histórias em quadrinhos: Os HQforismos do Ciberpajé. In: *Conhecimento Prático Literatura*. São Paulo: Escala, n. 51, Edição especial Arte-Educação HQs, 2013, p. 18-23.

FRANCO, Edgar Silveira; BARROS, Danielle. *Conversas com o Ciberpajé: vida, arte, magia e transcendência*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2019.

FRANCO, Edgar Silveira. *Agartha*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 3ed., 2018a.

_____. Arte Transmídia na Aurora Pós-Humana: conexões criativas entre quadrinhos, performance e videoarte. In: *Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. Goiânia: ANPAP, 2020. v.1. p.699-715.

_____. *Artlectos e Pós-Humanos*, n. 1, Jaú, SP: Editora SM, 2005.

_____. *Artlectos e Pós-Humanos*, n. 3, João Pessoa: Marca de Fantasia, 2009.

_____. *Artlectos e Pós-Humanos*, n. 4, João Pessoa: Marca de Fantasia, 2010.

_____. *Artlectos e Pós-Humanos*, n. 13, João Pessoa: Marca de Fantasia, 2020.

_____. Ascensão e Ocaso no Universo Ficcional Transmídia da Aurora Pós-Humana. *Literartes*, v.1, p.257 - 275, 2022a.

_____. *Ateliê Interdisciplinar de Artes Visuais: História em Quadrinhos de Autor*. CIAR: EAD/FAV-UFG, 2009b.

_____. *Enteogênicos*. São Paulo: Criativo, 2019.

- _____. Histórias em Quadrinhos de Autor; uma das disciplinas pioneiras na universidade brasileira dedicada à prática criativa de quadrinhos na perspectiva da arte. In: *Plural HQ: criaturas sobrenaturais*. Rio de Janeiro: Seropédica, 2023a.
- _____. *História em Quadrinhos e Arquitetura*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 3ed., 2020.
- _____. Histórias em Quadrinhos e Hiperfídia: as HQtrônicas chegam à sua terceira geração. In: *Os Quadrinhos na Era Digital: HQtrônicas, Webcomics e Cultura Participativa*. Rio de Janeiro: Marsupial, 2013.
- _____. *HQtrônicas: do suporte papel à rede internet*. São Paulo: Annablume & Fapesp, 2004.
- _____. *HQtrônicas: do suporte papel à rede internet*. São Paulo: Annablume & Fapesp, 2ed., 2008.
- _____. *HQtrônicas: do suporte papel à rede internet*. Dissertação de mestrado em Mídias, Unicamp, 2001.
- _____. Immobile Art: uma irônica poética tecnológica de contestação. In: *Anais do 19º Encontro da ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*. Salvador: EDUFBA, 2010. v.1. p.1184-1197.
- _____. (In)Finitum: processo criativo de animação experimental enteogênica utilizando rede neural. In: *Anais do 20º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia*. ROCHA, Cleomar; VENTURELLI, Suzete (Orgs.). Brasília: #ART, 2021. v.1. p.41-56.
- _____. O álbum Oráculos: criando quadrinhos poético-filosóficos inspirados no I Ching. In: *O Mosaico: revista de pesquisa em artes*, V.16, 2023b, p.255-284.
- _____. O Mito Ô mega: Ciberarte Baseada em Design Evolucionário. In: *Anais do 16º Encontro Nacional da Anpap - Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais*. Florianópolis: ANPAP, 2007.
- _____. *Oráculos*. São Paulo: Criativo, 2018b.

- _____. *Os aforismos do Ciberpajé*. São Paulo: Sinete, 2024.
- _____. Panorama dos Quadrinhos subterrâneos no Brasil. In: CALAZANS, F. M. A. (Org.). *As histórias em Quadrinhos no Brasil: Teoria e Prática*. São Paulo: Intercom/Unesp/Proex, 1997, p. 51-65.
- _____. *Perspectivas Pós-Humanas nas Ciberartes*. Tese de Doutorado em Artes, ECA-USP, 2006.
- _____. Projeto Musical Ciberpajé: processos criativos de 3 EP's pandêmicos. In: *Música Extrema: ruídos, imagens e sentidos*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022b, v.1, p. 135-152.
- _____. *Quadrinhos expandidos: das HQtrônicas aos plug-ins de neocortex*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2017.
- _____. *Renovaceno*. Goiânia: MNM, 2021.
- _____. *Sinfonias da Essência*. Brazópolis, MG: QI - Quadrinhos Independentes, 1995.
- _____. *SketchBook Edgar Franco*. São Paulo: Editora Criativo, 2017b.
- _____. *Transessência*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2ed., 2023c.
- FRANCO, Edgar Silveira; COUTO, Mozart. *BioCyberDrama*. São Paulo: Opera Graphica, 2003.
- _____. *BioCyberDrama Saga*. Goiânia: Editora UFG, 2ed., 2016.
- _____. *BioCyberDrama Saga*. Goiânia: Editora UFG, 2013.
- FRANCO, Edgar Silveira; BARROS, Danielle. Aforismos & histórias em quadrinhos: Os HQforismos do Ciberpajé. In: *Conhecimento Prático Literatura*. São Paulo: Escala, n. 51, Edição especial Arte-Educação HQs, 2013, p. 18-23.
- _____. *Conversas com o Ciberpajé: vida, arte, magia e transcendência*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2019.
- FRANCO, Edgar Silveira; LIMA, T. *Licanarquia*. Porto Alegre: Atomic, 2021.

FRANCO, Edgar Silveira; NUNES, Fábio Oliveira. O Elogio da Insignificância: Uma Poética Libertária no Ciberespaço. In: *Anais do 17º Encontro Nacional da ANPAP - Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas*. Florianópolis: UDESC, 2008.

FRANCO, Edgar Silveira (Org.). *Duetos Essenciais*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2017

FRANCO, Edgar Silveira, SANTOS, Eder. *Ecos Humanos*. Goiânia: Reverso, 2018.

GUERRA, Paula. Not your girl next door: fanzines, identidades, palavras. In: CURTIS, Thina (org.). *Brazineiras: o protagonismo feminino nos fanzines*. São Paulo: Timo, 2023.

GUIMARÃES, E. *Fanzine*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005b.

GUIMARÃES, E. (Org.) *O que é história em quadrinhos brasileira*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005a.

MAGALHÃES, Henrique. *A mutação radical dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2004.

_____. *A nova onda dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2005.

_____. *O que é fanzine*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. *O Rebuliço apaixonante dos Fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2003.

_____. *Pedras no charco: resistência e perspectivas dos fanzines*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2018.

PAULA, Francisco Sebastião de. *Uma trajetória da xilogravura no Ceará*. 2014. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2014.

PINTO, Renato Donisete. *Fanzine na Educação: algumas experiências em sala de aula*. João Pessoa: Paraíba, 2013.

SANTOS NETO, Elydio dos. *As Histórias em Quadrinhos poético-filosóficas no Brasil: contextualização histórica e estudo das*

interfaces educação, arte e comunicação. Relatório de Pós-Doutorado, Instituto de Artes da UNESP, 2010.

_____. O que são histórias em quadrinhos poético-filosóficas? Um olhar brasileiro. In *Visualidades* – Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual da FAV/UFG, Vol. 7 n. 1, Jan/Jun 2009, - Goiânia - GO:UFG, FAV, 2009, p.68-95.

_____. *Os quadrinhos poético-filosóficos de Edgar Franco: textos, HQs e entrevistas*. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2012.

SPINOZA, B. *Ética*. Tradução Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOUTO, Leo Pimentel. *O zineiro que se expandiu a Zineasta e transgrediu-se como meta artista transmidia da incerteza* (manuscrito), 2021, tese de doutorado.

THOMAS, Susan E. Value and validity of Art Zines as an Art Form. *Art Documentation: Journal of the Art Libraries Society of North America*, Chicago, v. 28, n. 2 | Fall 2009. Disponível em: <https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/adx.28.2.27949520> e <http://www.journals.uchicago.edu/doi/pdfplus/10.1086/adx.28.2.27949520>. Acesso em: 18 abr. 2023.

VENEROSO, Maria do Carmo de Freitas. O campo ampliado da gravura: continuidades, rupturas, cruzamentos e contaminações. *ARJ: Art Research Journal/Revista de Pesquisa em Artes*. v. 1, n. 1, p. 171-183, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/5275>. Acesso em: 06 set. 2021.

ZAVAM, Aurea Suely. Fanzine: a plurivalência paratópica. *Revista Linguagem em (Dis)curso*. v. 6, n. 1, p. 9-28, jan./abr. 2006. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/25761/1/2006_art_azavam.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.



Daniel Figueiredo

é cearense radicado na Paraíba. Pesquisador e Professor na Universidade Federal da Paraíba, quadrinista, fanzineiro e cineasta. Faz tempo que não atualiza o Lattes, pisciano que não acredita em signo e é chamado de infame por sua companheira.

Autor das séries de fanzines em quadrinhos: *CosmoAgonia* (2022-2026); *outras histórias* (2022) além outras publicações independentes como *Corpo Rascunho* (2023), *Fomos para Croatã* (2024) e *Conatus* (2024). Recebeu três indicações para melhor fanzine no prêmio Angelo Agostini (2025), vencedor de melhor fanzines em quadrinhos no Festival Ciberpajalença (2023). Em 2025 finalizou o pós doutorado em Arte e cultura visual na UFG que resultou nos filmes *Zinerman: o fóssil vivo do underground* (2025), *Ensaio Utrópico* (2025) e *Afetozine: uma afetografia dos zines poético-filosóficos* (2025) além deste ensaiozine.



ensaiozine

*notas sobre métodos, afetos e fanzinato
poético-filosófico*



Daniel Figueiredo



Marca de Fantasia